



José dos Santos Soares Arsénio

José dos Santos Soares Arsénio, conhecido pela alcunha “Zé do Norte”, nasceu na Ericeira, em 1 de Novembro de 1933, na Rua da Fonte do Cabo nº 79. A alcunha herdou-a do pai conhecido igualmente por “Zé do Norte”. É filho de Maria José Soares, doméstica, e de José Henriques Arsénio, pescador jagoz. O casal teve quatro filhos – José dos Santos Soares Arsénio, Anastácio Soares Arsénio, pescador, Maria Júlia Soares Arsénio Isaac e Maria Guilhermina Soares Arsénio Campos.

José Arsénio frequentou a escola primária até à segunda classe. Saiu quando tinha dez anos. Foi aluno dos professores Bagulho e Velosa. Após sair da escola, foi aprender o ofício de serralheiro, na oficina do seu tio “Chico Serralheiro”, na Rua do Ericeira. Em seguida, deu serventia nas obras de construção civil. Contra a vontade dos pais deixou as obras e foi trabalhar para a Ribeira na pesca, sem cédula, com doze, treze anos.

No final da semana, quando a companhia fazia as contas da faina piscatória, recebia um pequeno “revés”. Nesse tempo já vinham, para a Ericeira, na época do Verão, os varinos, conhecidos localmente por pios. Traziam pequenas embarcações – os saveiros. Estas embarcações eram de fundo chato e não aguentavam mar alteroso, pelo que tiveram alguns acidentes mortais, pois as correntes marítimas que vinham do Norte atiravam os barcos contra a Laje Grande.

Em face desta situação, o delegado marítimo Santa Rosa [Manuel Pereira Santa Rosa¹] proibiu a pesca com esse tipo de barcos. Os pios pescavam no mar com as redes do sável. Nesse tempo, a pesca jagoz era feita apenas com aparelhos de linha e covos.

José Arsénio andou ao mar no barco de Bernardino Garamanha. Da companhia faziam ainda parte o “Pirolito” sobrinho e Felisberto filho. O barco tinha um defeito no bojo ou na quilha,

¹Manuel Pereira Santa Rosa nasceu, a 5 de Julho de 1887, nas Caldas da Rainha. Era filho de José Pereira Santa Rosa e de Maria Madalena. Foi Delegado Marítimo da Ericeira entre 25 de Abril de 1932 e 9 de Abril de 1940. Reassumiu o mesmo cargo entre 20 de Junho de 1940 e 31 de Julho de 1945. Em 18 de Outubro de 1945, passou à Reserva da Armada. Em 30 de Outubro, foi autorizado a residir na Ericeira. Faleceu na sua casa, em Lisboa, em 13.01.1961.

mas não deixavam de pescar por ter esse defeito. Pescavam com aparelho miúdo, fanecas, moreias, safio, samilo², pargos, etc.

O cabo de mar Lopes avisou o pai que José Arsénio não poderia andar no mar por não ter cédula marítima, pois era proibido andar a pescar sem cédula o que dava direito à prisão de ambos. Como não tinha catorze anos não podia tirar a cédula.

A companha saía de noite para o mar e pela calada da noite José Arsénio entrava para dentro do barco sem ser visto, quando chegava, verificava se o cabo de mar estava à espreita antes de sair do barco. Em terra ajudava a safar os aparelhos. Quando o mar estava raso, iam à moita de S. Sebastião capturar santolas, conhecidas na Ericeira por “burros”, com canas de pesca aparelhadas com anzóis, pois a água límpida permitia vê-las no fundo do mar. Quando tocavam numa, a pinha de santolas desfazia-se rapidamente, fugindo todas num ápice.

«Metiam-se debaixo da laje, mas apesar disso nós apanhávamos muitas. Ainda me lembro do “Ti” Eduardo Sá andar lá ao mergulho a apanhar santolas.»

Vejam as suas recordações de infância socorrendo-nos dos registos manuscritos autobiográficos³ – «Quando nasci, a minha mãe tinha dezasseis anos e o meu pai vinte e dois. Depois de mim nasceram mais três irmãos, que tinham um ano de diferença, uns dos outros. Nasci numa era muito difícil. Havia muita fome.

Naquele tempo, os Invernos eram muito rigorosos. Ninguém ia ao mar. Era com a ajuda da minha avó materna [Júlia Conceição Soares, por alcunha “Júlia Rata”]. Quantas vezes lhe fiz companhia, a irmos ao moinho comprar farinha. Era ela que fazia as cozeduras em casa para que pelo menos não nos faltasse o pãozinho. Eram as merendeiras. Na altura da cozedura da massa punha-lhe uns torresmos ou duas sardinhas. Também era aproveitado o brasido para assar batatas e cebolas, que muitas vezes serviam de refeição.

Mas o pior ainda estava para vir. Já tinha os meus sete anos quando rebentou a Segunda Guerra Mundial. Passou a ser tudo racionado. Não havia petróleo para acender o candeeiro. Não havia luz eléctrica nas nossas casas. Era como a água, também não estava canalizada. Tinha que ir à fonte com o cântaro. A luz; éramos iluminados com lamparinas que tinha um pavio que queimava o óleo de peixe, que deixava um cheiro, que parecia que ficávamos intoxicados, pois assim que nos deitávamos, era logo apagado.

Estava-se a passar um tempo muito difícil. Não havia azeite. O azeite era contrabando e só para quem tinha dinheiro. Depois começou a farinha também a faltar. Minha mãe chamava-me às cinco da manhã, para ir para a bicha do pão. Todos os alimentos comestíveis eram comprados só com senhas, que tinham que ser racionadas. O café era fervido uma quantidade de vezes. Punha-se ao sol para ir outra vez ao lume. Era só para enganarmo-nos. Não havia açúcar.

O pior aconteceu quando meu pai é chamado para ser mobilizado pela marinha de guerra. Depois chegou a altura de ter de ir para a escola já com oito anos e tive de aprender o a, e, i, o, u, na Cartilha de João de Deus. De sacola de serapilheira às costas, descalços, mal agasalhados, com Invernos frios e gelados. Era assim que acontecia principalmente aos menos abastados como a classe dos pescadores e outros. Os horários tinham que ser respeitados a rigor. Entrada às nove horas, até ao meio-dia. Tínhamos uma hora para o caminho e almoçar porque a entrada era à uma hora e só saíamos às cinco da tarde.

No Inverno era quase de noite. Também tínhamos férias no Natal, quinze dias e depois aproximava-se a Primavera e depois o Verão. Era quando vinha as férias grandes, que eram passadas na praia do peixe ou Ribeira. Começava a ajudar os barcos a descarregar todos os aparelhos de pesca, como lavar a embarcação, depois davam-me uns peixes, dinheiro, quando faziam as contas. Se isto fazia jeito à minha mãe.

²Safio pequeno.

³Transcrevi os textos manuscritos de José Arsénio. Tentei preservar, na medida do possível, o seu estilo de escrita. Corrigi os erros ortográficos e alterei a pontuação. Suprimi uma dúzia e meia de pronomes e várias conjunções. As palavras que acrescentei, para clarificar o texto, estão assinaladas dentro de parênteses rectos.

Também tinha tempo para dar uns mergulhos e nadar. Era todo nuzinho, mas tinha cuecas. O meu problema era ser calmeirão e ser maior do que uma parte deles. Chegámos a ser corridos pelo cabo de mar e autoridades marítimas. Chegámos a fugir com a roupa à cabeça para a praia do Algodio. A roupa ficava toda molhada. Depois tinha que pô-la a secar no meio das rochas. Mas uma vez fomos caçados, eu e mais dois. Éramos três. Levaram-nos para a delegação marítima, presos. Fecharam-nos numa repartição sem casa de banho. Só tinha documentos de velhos que por ali passavam. O pior foi os senhores esquecerem-se de nós e quando chegou à noite a minha mãe e as mães dos outros companheiros ficaram aflitas, por não saberem nada de nós, até que alguém lhes disse que tínhamos sido presos por estarmos a tomar banho todos nus. Procuraram a autoridade marítima. Foram encontrá-los na taberna [Zé da Açúcar"], já bêbados e lhes disseram que se tinham esquecido de nós. Quando nos soltaram já era mais das dez da noite. Depois nunca mais fui a banho naquela praia. Arranjei umas calças velhas. Cortei-as nas pernas. Foi assim que arranjei um fato de banho. Eu ia ao banho, mas sempre de olho nos barcos que estavam a chegar. Assim que atracavam, eu ia ajudar para ganhar alguma coisinha. Foi assim até acabarem as férias.

Depois abriram as aulas. Para mim era uma seca, porque havia um bichinho dentro de mim que já só pensava na praia e nada de estudar. Trabalhos para fazer em casa, nem sempre tinha tempo para os fazer, depois ficava a tremer. Já sabia que lavava umas reguadas até dizer chega. Eu era um deles que fazia parte do tambor da festa, nem à porrada conseguiram matar o bichinho. Cheguei ao fim sem estar preparado para o exame. Chegou novamente as férias, lá fui novamente para a praia fazer o mesmo serviço que fazia antes; até quando chega a altura da matrícula para o novo ano. Quando minha mãe me disse que me ia matricular respondi-lhe que não ia para a escola e que queria ir trabalhar. Foi o que ela quis ouvir porque tinham falta de dinheiro em casa.

O primeiro emprego foi para uma oficina de serralheiro que era [do] meu tio, cunhado do meu pai, ganhar cinco escudos por semana. O meu trabalho era arear os fogões a lenha, que havia antigamente, e tomar conta da oficina enquanto ele ia trabalhar fora, até que um dia passei-me e fui para a pesca.

Fui corrido. Tive que ir dar serventia a pedreiro. A primeira, foi construir o edifício que é hoje o lar da Misericórdia. Acabou a construção, fui para a pesca outra vez. Pescar polvos, caranguejos, cabozes, abróteas. Muitas vezes ia para o rio pescar às enguias. Lá ia esgravatando alguma coisinha. Até que um dia havia muito peixe-espada. O meu pai levou-me ao mar, à pesca do peixe-espada. Chegámos à noite para o jantar. Foi a primeira vez que comi de garfo. À noite foi bacalhau com batatas.

Foi o começo de trabalhar na pesca. E comecei a andar ao mar com um velhote com o nome de Bernardino Garamanha. Eu, com um filho e com um neto. Andávamos a pescar com o aparelho com anzóis. Apanhávamos fanecas, pargos, abróteas, safios e moreias. Chegávamos a terra, descarregávamos o peixe para a lota e os aparelhos para terra. Íamos matar o bicho. Depois íamos apanhar santolas com uma cana com anzóis na ponta. As santolas estavam a montes. Naquele tempo não [as] apreciavam. Ganhei bom dinheiro neste barquinho. Depois fui descoberto pelo cabo de mar que me ameaçava que não tinha a cédula não podia andar ao mar e eu ainda não tinha idade para tirá-la, só aos catorze anos.

Ao segundo ameaço prendia-me a mim e ao meu pai. A saída era sempre à noite e quando chegava escondia-me debaixo da coberta.»

Em 12 de Junho de 1948, José Arsénio obteve a cédula de inscrição marítima com o nº 1.338 na Delegação Marítima jagoz

Durante a entrevista acentuou – «Eu embarquei em 1948. Fui lá fazer os quinze anos. Assim que tirei a cédula, através do conhecimento que o meu pai tinha com o mestre José dos Reis, do pequeno arrastão “Transmontana”, arranjei trabalho.»

Estes arrastões eram chamados “vacas” ou “pirolitos”. Pescavam na barra de Lisboa. Com catorze anos nunca tinha saído da Ericeira. A mãe foi levá-lo a Lisboa. «Era um movimento que eu nunca tinha visto. O primeiro dinheirinho que eu ganhei foi para comprar umas

“botazinhas” e uma saladeira em esmalte. Foi assim. Pescávamos em frente à barra. Os barcos tinham pouca força. Apanhávamos camarão, linguados, pregados, raias, marmotas. Não serviam para apanhar chicharros, porque não tinham velocidade suficiente. Andei quase dois anos nesse barco. Meti-me naquele meio e não regressei mais à Ericeira. Era um rapaz novo, as miúdas eram uma atracção.

Eu cozia todos os dias canastas e canastas de camarão. O camarão ia para a lota já cozido. Cheguei a ter colegas que andaram comigo na escola de pesca, que já faleceram, que iam ter comigo e eu enchia-lhes a barriga de camarão. Com um colega meu, agarrávamos num saco de camarão, íamos por terra dentro e tínhamos as miúdas que queríamos. Isto era assim, claro que é preciso olhar à idade, eu era um rapaz.»

Apresentamos, pelo seu punho, a vivência da chegada a Lisboa e da pesca do arrasto na costa – «Assim que apareceu a vaga, chamaram-me para a pesca em Lisboa, na Ribeira Nova, para embarcar. Foi a minha mãe que me levou pela mão, que eu nunca tinha saído daqui. Era uma criança. Chegámos à Ribeira Nova estava o barco a descarregar, no batelão da descarga. Estava o mestre a bordo e minha mãe perguntou-lhe se era o senhor que era o mestre do barco. Ele respondeu que sim. Então está aqui [o] meu filho, como se entregasse uma encomenda de pouca importância e veio embora. Sem estar preparado para trabalhar, com pouca roupa, sem botas de borracha, oleados. Muitas vezes me deitei com as roupas molhadas. Tive que me desenrascar. Conforme ia ganhando, ia comprando tudo o que precisava, até um tacho e uma saladeira, dois garfos e duas colheres.

Nunca tinha vindo a Lisboa; ainda me recordo quando chego à Ribeira Nova; olho para o Tejo. Era quanto meus olhos viam um Rio Tejo cheio de vida. Viam-se fragatas à vela carregadas de mercadorias como barris de vinho, açúcar, pele, milho e muitos cereais, grandes rebocadores do alto mar, reboques do rio, batelões carregados de água para abastecerem os grandes paquetes de passageiros, cargueiros, barcos de pesca, etc., muitos botes à pesca do camarão. Apanhavam alcofas e alcofas deles, como eiróses. Barcos a descarregarem sardinha e outras qualidades de peixe.

Naquela Ribeira Nova era um movimento, que chegámos a andar aos encontrões uns nos outros. Era tanta gente a trabalhar. Mais abaixo, Santos, onde havia descargas de peixe de Cabo Branco. Começavam cinco barcos a descarregar ao mesmo tempo, desde as dezassete horas até às cinco horas da manhã. Eram toneladas e toneladas de peixe naquela praça. Mais ao lado eram as docas secas, aonde se construía os navios, limpavam o fundo e pintavam, etc. Eram milhares de trabalhadores, que ali trabalhavam.

Mais ao lado era a doca espanhola, aonde se encontravam os navios para descarregar as mercadorias. Eram milhares de estivadores a carregarem as camionetas para o comércio, como para o estrangeiro.

Lisboa uma cidade de trabalho, de gente pacífica, séria, trabalhadora. Que pena na altura vivíamos em ditadura. Tudo isto morreu. Agora todos os locais onde dantes se trabalhava estão ocupados por discotecas, bares, lugares de lazer e aonde se encontra a prostituição, a máfia, a violência. Já não se pode andar em Lisboa a partir de certas horas.

Tirei a cédula em 12 de Junho de 1948. Tinha eu catorze anos. Aos quinze anos embarquei no navio de arrasto chamado Transmontana. Naquele tempo chamavam vacas e pirolitos, a esta classe de arrastões por serem de pequenas dimensões. Foi neste barco o princípio, que comecei a trabalhar na pesca do arrasto. Era muito novo ainda não tinha a noção da vida que escolhi. Foi a sina, a escolher a mesma do meu pai, avô, de outros parentes. Tive que ir à luta, aprender a ser homem. Aprender a trabalhar. Cumprir com os meus deveres e saber respeitar todos companheiros, camaradas, desde os encarregados aos restantes.

Foi o que eu fiz em quase dois anos, que andei com eles, pois comecei a crescer a ganhar a prática, pois a bordo não havia cozinheiro e cada um tinha que cozinhar para si. Também não havia criados. Fui andando e vendo. Comecei a ver que estava a trabalhar numa vida terrível, pois trabalhávamos com umas artes ilegais, trabalhávamos com malha 2,5-3cm. Era o número de malhagem [com] que conseguíamos apanhar o camarão. Nós e outros apanhávamos às

toneladas. Em geral era vendido em Cascais. Com este número de malha, matávamos todo o peixe que tinha olhos. Matávamos os filhos e os pais. Era um dó na nossa alma quando íamos virar as redes e depois quando escolhíamos o peixe maior. Depois o resto ia fora, para o mar. Ficavam a boiar por cima de água até servia para alimentação das gaivotas e outros pássaros marinhos. Anos e anos com esta matança estávamos a dar passos largos, a chegar ao fim. Já dizia o investigador dos fundos oceânicos que o mar já parecia um deserto, o capitão Jacques Cousteau⁴.

Neste tempo já havia as regras que nunca eram cumpridas, existia a fiscalização, mas o processo como era feito dava para rir. Era uma jogada. Era um rato escondido com o rabo de fora. Nós em geral sabíamos quando éramos fiscalizados. Tínhamos tempo para esconder tudo, tudo o que era ilegal nos lugares mais secretos, mas também tenho que ser franco. Nós todos a bordo detestávamos os fiscais. Se fosse uma fiscalização a rigor a maioria deste tipo de arrastões não conseguiam sobreviver. Desembarquei em 3 de Fevereiro de 1950. Fui para a Ericeira, a minha terra. Procurei o senhor delegado marítimo e professor da Escola Naval, 2º tenente Sr. Santa Rosa. Foi sem dúvida, o maior marinheiro naval que eu conheci e muito aprendi com ele. Pedi-lhe se era possível ir para a Escola Profissional de Pesca em Pedrouços, que eu gostava de ir para a pesca do bacalhau e ao mesmo tempo deixava de fazer a recruta no exército e ia fazê-la na marinha.

Quase no fim de Outubro fui chamado à escola para me alistar como aluno e com o número noventa e nove. Éramos cem alunos. Já entrei com quase dois meses de atraso para a vaga de um aluno que estava doente. Começámos a ter aulas. Aprendi a fazer nós, pinhas, ganchetas, costuras de cabos de arame, como cabo de massa, conhecer todo o tipo de barcos à vela, como a motor, como o velame e poleame, saber cartear a bússola ou agulha ou Rosa dos Ventos, como regras de navegação, saber o nome de todos os faróis de bordo, todo o tipo de ferros para ancorar, etc., etc.

Depois de cinco meses de aulas eu e os meus colegas, companheiros, ficámos aprovados no exame. Mandaram-nos para casa que depois na altura era chamado. Neste período era para nós comprarmos as roupas e todos os agasalhos que eram precisos para enfrentar o clima frio da Terra Nova e Gronelândia.»

Regressamos à entrevista – «Nessa altura, comecei a namorar a mãe dos meus filhos, Maria Alexandrina de Almeida, aqui na Ericeira. Era um rapaz novo. Ela ficou grávida e eu em Março de 1951 arranquei para o bacalhau no “Cernache”.

Em frente aos Jerónimos, tivemos uma festa com missa campal, bênção dos barcos e com as famílias a assistirem. Acabou a festa e arrancámos. Fui de moço. Comecei a pensar que ia fazer uma viagem de seis meses e tal sem ver a minha namorada. Estar seis meses sem tomar banho. Davam um litro de água por dia a cada pescador. Como já tinha andado no mar era o encarregado de distribuir a água aos pescadores, as sardinhas e as lulas. Era um tanto de sardinhas e de lulas a cada pescador. Aquilo era tudo limitado.

Sáímos de Lisboa diretos à Terra Nova. Quando chegámos, estivemos uma semana a pescar. O clima não era frio. Depois seguimos para a Gronelândia. Aí, é que havia frio. Estava sempre frio. Durante todo o dia tínhamos cinco horas para descansar. Como o descanso não era o suficiente chegávamos a uma certa altura, estávamos saturados e quase dormíamos e trabalhávamos em pé.

Às quatro e meia da manhã entrava um camarada, que tinha estado de vigia, o barco tinha sempre um vigia, e cantava os louvados – “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! São quatro e meia. Vamos ao pequeno-almoço!” Éramos sessenta e tal pescadores, perto de setenta. Metade ia tomar o pequeno-almoço, enquanto a outra metade ia receber a isca. O pequeno-almoço era feijão assado com toicinho e café. Só tínhamos carne uma vez por semana. A carne argentina ia salgada em barricas.

⁴Jacques-Yves Cousteau (Saint André de Cubzac, 11 de Junho de 1910 - Paris, 25 de Junho de 1997) foi oficial da marinha francesa, documentarista, cineasta e oceanógrafo.

Os moços iam à câmara frigorífica e distribuíam quinze a vinte sardinhas a cada um, sardinha “arinca”, sardinha comprida. A sardinha era depois cortada para iscar o trole. Uma parte da sardinha ia congelada nas câmaras frigoríficas. A outra parte ia no porão, conservada em serradura e sal, e durava muito tempo.

Na matadela do bicho fazíamos bicha para tomarmos um cálice de cachaça. Depois de receberem a isca, os pescadores iscavam o trole e nós arreávamos os dóris.

O comandante e o imediato estavam sempre de olho nos pescadores, pois poderia surgir mau tempo. Apanhava-se bacalhau com trole e zagaia. Apanhava-se bastante bacalhau à zagaia. Alguns pescadores chegavam a vir com o bote carregado “resvés” com a linha de água, aquilo metia medo.

Em geral, o mar estava quase sempre “rasinho”. Às vezes havia Nordeste forte e feio, mas estávamos prevenidos, pois o capitão através das comunicações sabia quando ia surgir. Quando os botes estavam todos no mar, a pescar, e havia um aviso à navegação de Nordeste forte, o capitão içava a bandeira e apitava para os pescadores recolherem a bordo.

Alguns botes vinham a bordo descarregar e voltavam para o mar. Esta situação sucedeu poucas vezes. À chegada dos dóris, o capitão apontava a olho o que cada pescador tinha apanhado nesse dia. Os melhores pescadores tinham um prémio extra. Havia sempre a desconfiança que o capitão apontava mais peixe a uns do que a outros. Pois, às vezes, mais valia ter graça. Quando os pescadores chegavam para descarregar, cheguei a saltar várias vezes para o dóri, para que o pescador fosse comer alguma coisa enquanto nós descarregávamos o dóri.

Tinha força, sentia-me bem a fazer aquele serviço. Quando chegava à altura do jantar davam-me um copinho de “tintinho”. Eu não levei vinho nenhum porque não sabia que se podia levar. Os pescadores levavam o vinho nuns barris que estavam à proa. A proa daquele barco ia toda cheia de barris de vinho. Era um docezinho, que nos davam. O barco tinha umas divisões chamadas quetes, onde púnhamos o bacalhau que ia ser amanhado. Após descarregarmos os dóris, estes eram içados para dentro do navio com os guinchos e arrumados no convés.

Em cada quete, para amANHAR o peixe havia um escalador e um troteiro. Primeiro partiam-se as cabeças. Com um jeito dava-se um golpe, batia-se a cabeça e esta separava-se. O escalador tinha uma faca com um certo jeito, um bocado torta, por causa da espinha. Com um bocado de prática, aquilo era sempre a aviar, a escalar o peixe. Quando separavam as cabeças, os moços estavam próximo e estas vinham parar aos nossos pés. Tirávamos as línguas e também os sames. A escala era feita sob observação do capitão. O bacalhau depois de escalado era lavado numas selhas, passava para o porão, onde estavam os salgadores, dentro dos hinos, a salgar e a arrumar o peixe. Os moços depois limpavam e preparavam os hinos para a salga do dia seguinte. O sal era carregado em Lisboa.

«Fiz uma só viagem, de seis meses e meio mais ou menos.» Algumas vezes, o capitão chamou-o para ir à emposta, isto é, para tomar conta do leme, enquanto andavam à procura de pesqueiros, porque sabia que José Arsénio tinha anteriormente andado embarcado.

Na primeira vez que substituiu o camarada que ia ao leme este disse-lhe qualquer coisa que não percebeu. Quando acabou o turno, o capitão foi ter com ele e disse-lhe – Oiça. É hábito, o camarada que larga o leme dizer – Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo. E, o camarada que recebe o leme deve responder – Para que Sempre Seja Louvado. «Eu nunca tinha ouvido aquilo. O salário que recebi foi uma mijinha, setecentos e tal escudos, porque eu tive que pagar as roupas e aquela coisa toda. Não me lembro bem se fui recebe-lo à escola de pesca. Quando estava um bocado de brisa os botes já não arreavam, mas os moços lixavam-se porque tinham que apanhar o peixe à zagaia para a alimentação da malta.»

Devido às condições de trabalho e ao pequeno salário auferido na pesca do bacalhau, José Arsénio quando chegou a Belém foi ter com o comandante para pedir baixa. Não queria ir mais nenhuma vez.

Vejam agora a sua vivência da pesca do arrasto na costa, da pesca bacalhoeira e do arrasto em Cabo Branco através dos seus escritos – «No dia 12 de Março de 1951 fui matriculado no navio de pesca do bacalhau com o nome Cernache. Fui abonado pela sorte com o navio que me calhou. Naquela época era um navio moderno. Pior [sorte] tiveram a maioria dos meus colegas, que lhe calharam os navios mais antigos, lugres à vela. Os lugres navegavam à vela com motor pequenino, que lhe chamavam, o auxiliar. Antes da partida tínhamos uma missa campal. Era a bênção aos navios bacalhoeiros e tripulantes. Era uma festa juntar todas as famílias a rezar, a pedir a Deus que fizéssemos uma boa viagem e que regressássemos com saúde e com boa pesca.

Quando acabava a missa começava a partida. Éramos uma série de barcos. Nós éramos cem alunos da Escola Profissional de Pesca. Fomos divididos por cada barco. Cada barco tinha à volta de 6-7 moços, 40-60 pescadores, mais oficiais, cozinheiros e maquinistas.

Esta vida é também uma vida de escravos. Recordo-me que por volta de 1947 mais ou menos os pescadores estavam a ganhar muito pouco no ordenado e percentagem de peixe que apanhassem e pensaram em fazer greve para rectificar os seus valores. Foi uma guerra. Os primeiros atacados foram os pescadores de Setúbal e Fuzeta. Prenderam os homens e raparam-lhes o cabelo e obrigaram a embarcar; foi um episódio que ficou na história do fascismo do Salazar, comandantes Tenreiros, pides, bufos e toda aquela seita que havia naquele tempo.

Saímos a 15 de Março de 1951 com rumo à Terra Nova. Navegámos onze dias até chegar ao pesqueiro. Nestes dias de viagem não havia apetite para comer com [a] tristeza. Não tenho vergonha em dizer que chorei; e não foi pouco só de pensar, que ia fazer uma viagem de seis meses e por acaso foi de seis e meio. Tantas saudades que eu tive. Muito jovem e na altura era como uma rosa a florir, mas sei que a vida não são só rosas, também tem espinhos como as tormentas e vendavais que passam.

Chegamos ao pesqueiro e começa a faina da pesca. Os dias de viagem é conforme o tempo que cai, pode ser de feição ou pode ser de contra, e assim chegamos ao pesqueiro. Começa a faina. Cada um para o seu posto. Os pescadores para a pesca e os moços são os auxiliares.

Uns são encarregados da água, fornecer um litro de água a cada tripulante para lavar as mãos e passar a cara. A água tinha que ser racionada, porque éramos muitos a gastar.

Eu e os meus camaradas, só em seis meses e meio de viagem, nunca tomámos banho.

Também é verdade, nunca vi qualquer parasita como piolhos, pulgas e outros em mim e nos meus companheiros. Também sei que o nosso corpo contaminado de sal, não era atacado; por experiência, os cães a bordo não criam pulgas. Outros [moços eram] encarregados da câmara fria aonde estavam conservados os iscos. Em geral eram sardinhas ou lulas, que depois, quando começava a pesca eram divididas por igual de 15-20 sardinhas por cada pescador. Havia também os encarregados do porão. A sua missão era safar ou preparar os hinos no porão para os salgadores salgarem o bacalhau. Os hinos são divisões entabuadas no porão. Nós, os moços sempre que era preciso descíamos ao porão, cada um com uma pá e lá vai de pazada.

Nesta operação éramos acompanhados com um galão de cinco litros com água, com aguardente e açúcar. Transpirávamos muito derivado do isolamento do porão. Ficamos com sede; começamos a beber a água do galão; chegamos a estar alcoolizados. Depois era uma brincadeira e era assim sempre que descíamos ao porão.

Vamos ao processo de trabalho do princípio até ao fim. Há sempre um homem de quarto, ou seja de vigia. Às quatro horas era hora da alvorada. Este vigia entra no dormitório e gritava Seja Louvado e Adorado o Nosso Senhor Jesus Cristo, são quatro horas, vamos ao pequeno-almoço. Toda a gente se levantava e era dividida a tripulação, metade vai receber o isco, fazem a bicha serenamente para receberem as quinze ou vinte sardinhas enquanto os companheiros matam o bicho que em geral é feijão torrado com pedaços de toucinho, café ou leite. Depois é o inverso, os que já receberam a isca vão comer e os outros vão à isca. Depois vão cortar as sardinhas em boliscos para iscar o trole.

O trole é aquilo que cá nós chamamos o aparelho. Também usam a zagaia para pescar. A zagaia é formada com um peso em chumbo com dois anzóis fixados sem isco. Tem que ser móvel, sempre com a linha para baixo e para cima. O bacalhau é um peixe [que a] tudo que mexe atira-se e fica preso nos anzóis. Os primeiros, depois de iscarem, formam a bicha para o cálice de cachaça ou aguardente. É aviada pelo moço da câmara. Quando todos mataram o bicho vão preparar, para arrear os dóris, que são os barquinhos, [em] que cada pescador pesca o bacalhau. Levam as artes para a pesca e o foquim com um farnel; em geral, umas postas de peixe frito, pão e uma garrafinha com vinho. Estes barquinhos são arreados e içados para os barcos com as talhas, que são os aparelhos manuais. Depois [de] todos arreados na água, cada um faz o seu rumo, um rumo ao norte, outros ao sul, conforme a ideia. Depois o navio é como uma mãe a tomar conta dos filhos.

Assim é o navio mãe que tem o comandante, o imediato ou o piloto; são os oficiais de bordo. Um deles está sempre atento com o binóculo para ver, se está tudo bem, com os pescadores que estão a pescar. Há um horário para o regresso. Também acontece alguns carregarem o barquinho antes do horário. Vêm a bordo descarregar, e voltam novamente a pescar. O capitão está sempre atento à chegada para fazer os apontamentos, da quantidade de peixe que cada um pesca. Basta ele só olhar, com a experiência que tem, sabe, mais ou menos, o peso da pesca que trazem. Depois há sempre um desafio entre todos os pescadores.

Quando chega ao fim da campanha há sempre um campeão, e todos lutam para o ser, porque os campeões são sempre os mais amados para o capitão, e ganha sempre mais com a percentagem de pescado. Algumas vezes, aconteceu, virem descarregar e voltar para a pesca. Quando acontecia, eu mandava o pescador ir comer uma bucha, beber uma pinga. Eu saltava [para] bordo do bote e descarregava enquanto ele comia. Era uma alegria, para ele que descansava um pouquinho. Depois ao jantar recompensava-me com um copo de vinho. Eu dizia que não queria, mas era quase obrigado a beber. A bordo do navio existem quatro quetes, são dois em cada borda.

Os quetes são divisões que servem para os botes descarregarem o pescado. O processo é o seguinte – o bote quando chega lança a bossa para bordo. O moço segura com cuidado até o pescador descarregar. A bossa é um cabo que está atado à proa do bote. O peixe é descarregado com um garfo, que é um pau com 1,5m com dois dentes. Depois de descarregados são içados para bordo. Os botes têm o feitio, com um molde, que serve para encaixar uns nos outros. Depois de todos içados para bordo, vamos todos jantar. Era em geral caras de bacalhau fritas com batatas cozidas e sopa de feijão encarnado com farinha e hortaliça. Depois de jantarmos, íamos tratar do peixe.

O trabalho era feito assim; tínhamos o peixe nos quetes; à cabeceira de cada quete trabalhava um cortador de cabeças, um outro era o escalador; o que escalava o bacalhau. Nós, os moços cortávamos as línguas, as caras e sames. O bacalhau depois de escalado ia direito ao depósito de água, [onde] era lavado, e depois directo ao porão para ser salgado pelos salgadores. Esta operação nunca levava menos de 2-3h, conforme a quantidade do pescado. Depois de tudo arrumado, o barco lavado, íamos à ceia. Era a sopa de caras de bacalhau que a bordo lhe chamam chora. Depois de cear, íamos descansar até às 4h da alvorada.

O navio nunca pescava no mesmo sítio. Cada dia mudava de pesqueiro. O capitão tinha conhecimento, que eu já tinha andado embarcado, chamava-me para o leme, para levar ao pesqueiro, com as ordens dele. A primeira vez que fui render o homem ao leme, ele respondeu-me – Seja Louvado e Adorado Nosso Senhor Jesus Cristo. Como eu não sabia que era uso, fiquei a olhar para ele, que depois me disse, que eu lhe devia ter respondido, esta frase, Para sempre Seja Louvado. Trabalhámos aqui nos bancos da Terra Nova trinta dias. Depois navegamos quase dez dias com o rumo à Gronelândia, aonde fomos encontrar um clima mais frio, e a terra toda gelada, e o mar cheio de ilhas de gelo. Era sempre de dia, não havia a noite, e o peixe também era mais abundante. O processo de trabalhar era mais ou menos o mesmo, com os dias a passarem. Aqui na Gronelândia caíam mais brisas e aconteceu várias vezes os botes estarem todos no mar a pescar, e o capitão receber a notícia que [se]

estava a aproximar uma baixa, mau tempo e o navio começava a apitar e içava a bandeira para chamar os botes. Era vê-los todos a remar à pressa, a fugir a medo de os apanhar. Pouco depois, aí estava ela. Era rápido. Chegámos a estar oito dias sem pescar. O capitão chamava os moços para irem pescar com a zagaia para apanhar peixe para a cozinha. Começávamos logo [a] refilar. Parecia que era castigo. Depois, com bom tempo, tivemos grandes pescarias. Era o convés de lés-a-lés cheio de peixe. Que eu me lembre foi duas vezes ou três estar a trabalhar oito a nove horas seguidas com o bacalhau. Depois de 2-3 meses o capitão dava a notícia, amanhã temos aqui o navio Gil Eanes. Era o navio hospital da frota do bacalhau e também trazia o correio. Era uma ansiedade, a espera de notícias para sabermos o que [se] estava a passar com a família. Também acontecia que [para] muitos, era uma desilusão. Tinham que esperar outra vez. Nós aproveitávamos e mandávamos nós.

Aos quatro meses de viagem, fomos a terra ao porto canadiano Santo Jones. Estivemos só dois dias para abastecer de combustível, água e alimentos. Foi pouco mas soube bem. Já estávamos fartos. Todos os dias a ver sempre as mesmas caras. Depois voltamos para o mesmo fado e nunca mais chegava ao fim. O barco também nunca mais estava carregado, para irmos embora, para casa. Tínhamos de trabalhar. Também às Quintas e Domingos tínhamos refeições de carne de barrica, carne argentina. Começámos a pesca. Fazíamos sempre o mesmo. Apanhámos várias brisas no pesqueiro.

Aconteceu uma vez, estávamos ancorados, começou a cair uma brisa forte, muito vento e formou ondulação, pois partiu a âncora. Ficou metade no fundo do mar. Tivemos que preparar a âncora que tínhamos suplente. Era uma âncora que pesava à volta de 200kg. Tínhamos que ser uns poucos para pegar nela. Formámos uma equipa com o capitão, imediato e piloto. Quando ao arranque, para fazer força, há um que dá um grande peido. Começamos todos a rir. Perdemos as forças. Tivemos que a baixar, e o tipo que deu o peido, vira-se para o capitão e diz, desculpe Sr. capitão, quem se caga a fazer força não fica a dever nada ao patrão. O capitão ao ouvir a frase, virou as costas e começou também a rir, e depois acalmámos, e correu tudo bem.

Depois começámos as nossas lides, e o tempo ia passando. Mas também havia sempre um bocadinho para pensar nas coisas a que éramos obrigados nestas idades, por exemplo, ter que dar de comer à mão ao passarinho. Cada vez que tinha este trabalho, fazia um risco com a navalha na antepara do beliche. Quando chegou ao fim da vigem já não havia mais espaço, pois todos estes riscos estavam sempre tapados com a manta, para não serem vistos. Só mostrei a dois amigos de confiança. Quando estava já quase a chegar ao fim também sei que há pessoas sensíveis a este pequeno episódio. Pois desculpem o meu atrevimento, mas tudo isto penso que é natural e quem fala verdade não merece castigo. Íamos sempre trabalhando e sempre à espera, que o capitão, dissesse que chegou o fim da pesca. Vamos para Portugal, vamos para casa, pois a alegria foi grande, já cantávamos, a desarmar tudo o que estava para trabalhar, como apoiar ou amarrar bem os dórís, ou botes, para fazer uma navegação mais cuidada. Tínhamos quinze dias para navegar para chegarmos a Lisboa.

Neste período passámos o tempo a comer e dormir para carregar [as] nossas baterias e jogávamos às cartas e dominó, mas sempre com o pensamento da chegada a terra. Cada dia parecia um ano. Com [a] ansiedade da chegada, conforme íamos navegando, até que começámos a ver nascer e pôr o sol, que há cinco meses não víamos este cenário. Estávamos quase sempre a olhar para o relógio. Era a pressa de chegar para matar saudades e beijar e abraçar os nossos queridos e eu que o diga, que ia encontrar o meu primeiro filho [José André Almeida Arsénio], que alegria de saber, que já era pai e com os meus dezassete anos. Íamos aproximando de terra. Dois dias antes da chegada, já pouco ou nada dormíamos.

No dia seguinte, íamos para a proa do barco para vermos qual era o primeiro a avistar os relâmpagos das rotações do farol do Cabo da Roca. O tempo não estava muito claro. Fui eu o primeiro a gritar, já o vi. Estávamos a trinta milhas de distância da terra. O barco andava pouco. Chegámos às oito horas da manhã, à entrada da barra. Foi uma viagem, que não me deixou saudades. Quando o navio ia a passar em frente à Torre de Belém subi à ponte, dirigi-

me ao comandante e pedi-lhe o bilhete de desembarque e que ele me acusou e ameaçou-me que ia fazer queixa à Escola de Pesca, que nós depois de desmamados, que íamos para outros barcos. Eu respondi que bacalhau nunca mais, que bacalhau só no prato. Olhou para mim, então lá me passou. Ainda tive que ir ajudar a fazer a amarração, que era no outro lado do rio. Depois tive que ir apanhar o barco cacilheiro. Ainda vim almoçar à escadinha da Bica, ao Manuel da Bica. Lembro-me que estava a almoçar, tremiam-me as pernas, parecia que ainda estava a bordo. Depois fui apanhar a camioneta das duas horas. Cheguei a casa eram quatro horas. Quando cheguei à Ericeira, procurei a família, mas ainda me recordo que não sei o que se estava a passar comigo, parecia que estava bloqueado, parecia um bicho, até tive um amigo que me ajudou. Isto parece mentira, mas foi o que se passou. Parece que estou a ver uma amiga da Alexandrina com o menino ao colo e a Alexandrina ficou parada a olhar para mim. Parece que lhe aconteceu o mesmo; até que [nos] agarrámos um ao outro; comovidos com as lágrimas nos olhos, com alegria. Já éramos uma família a sério. Quando chegou a altura do pagamento fui receber. Pagaram-me setecentos e tal escudos. Tive que pagar as despesas que fiz enquanto andei na escola e pagar a roupa que levei para o bacalhau. Fiquei quase teso. Fiquei triste. Depois de uma viagem de seis meses e meio com tanto sacrifício e quase não levar dinheiro para casa. Tive logo que pensar numa nova vida.

Fui-me inscrever para a pesca do arrasto do Cabo Branco como moço e quase não tive tempo para respirar, porque cheguei da pesca do bacalhau em 6 de Outubro de 1951 e embarquei no navio Alde Baran em 10 de Novembro de 1951, de interino. Acabei por ficar efectivo até ir fazer a tropa na Marinha.

Fiz a primeira viagem para Cabo Branco. Acontece que o barco nunca tinha feito uma viagem tão curta. [Em] poucos dias carregámos o navio. Fizemos catorze dias e horas. O que era normal eram de 21-23 dias mais ou menos. Foi chegar ao pesqueiro, nunca mais parámos de trabalhar. Foram três dias e três noites sem irmos à cama e comer sempre à pressa. E eu sem estar habituado, já dizia mal da minha vida, porque tinha deixado a vida do bacalhau, porque eram viagens muito grandes, mas esta é pior, porque no bacalhau tínhamos sempre cinco horas para comer e descansar e aqui não há descanso. Enquanto houver peixe e [o] barco estiver carregado. Tanto que eu sofri.

Era uma pesca terrível. Largávamos a rede, nunca dava mais que duas horas de pesca. E apanhávamos dez a doze toneladas [em] cada lanço. Quando ainda estávamos frescos ainda escolhíamos muito peixe. Depois começou a acumular-se o cansaço. [O] rendimento cada vez era menos, como é possível, o processo de trabalhos destes bandidos, criminosos, pois virávamos dois sacos de peixe. Era à volta de dez ou doze toneladas. Já cansados não tínhamos vazão, para despachar o peixe para o porão, pois tínhamos que ter o trabalho de atirar mais de metade fora, para o mar já morto, para virar outras tantas para bordo.

Era assim sucessivamente. Éramos nós e outros navios com o mesmo processo. Isto acontecia todos os anos no mês de Novembro e Dezembro. No paralelo 19º, a marmota estava sempre a montes. Isto foi em 1951.

Eram toneladas e toneladas, a matarmos para depois de morta, atirarmos para o mar. Era uma desgraça, hoje é um deserto. Também acontecia andarmos a pescar e caíamos nos fundões do oceano. Era uma gritaria do capitão ou mestre; vamos à rede depressa. Virávamos a rede e era uma sacada de lagostas, que não conseguíamos pôr para dentro. Tínhamos que cortar o saco, para irem todas para o fundo do mar. A maioria todas mortas. Sempre que as apanhávamos, era sempre para atirá-las para o mar, já mortas.

Quando tínhamos tempo aproveitávamos os rabos, salgávamos e íamos vender à Rua do Arsenal, a sete e oito escudos o quilo, pois não havia nada para conservar as lagostas. Recordo-me de ler que os japoneses, que as mortas, que nós atirávamos ao mar, faziam desaparecer as outras, que muitas morriam com a geleia que largavam. Foi assim que desapareceu tudo. Nesta época havia muito peixe em qualquer lado, como pargos, de toda a qualidade, garoupas, meros, corvinas, cachuchos, dentão e muitas outras espécies.

O Cabo Branco era um mar rico em peixe. Depois com a exploração desenfreada, começou a falhar aos poucos. Trabalhamos só no parcelo; o parcelo quer dizer que não havia rochas, as rochas eram a protecção das espécies. Depois com o avanço das tecnologias inventaram as redes com roletes de ferro. Foi mais uma ideia para a destruição dos oceanos. Eram redes que estavam preparadas para trabalhar por cima de toda a folha, quer dizer por cima de rochas e de tudo o que aparecia na frente da rede. Como também muitas vezes ficavam presas no fundo do mar para toda a vida, porque eram fabricadas à base de nylon, material rijo. Também levávamos todos os dias a consertá-las ou seja a remendá-las. Era assim. Já não há maneira do peixe de defender-se e lá andávamos até ao carregamento do navio. Com o tempo, cada vez as viagens eram maiores, porque o peixe aos poucos ia escasseando.

Depois de carregados navegávamos seis, sete dias para Lisboa com o rumo Norte, quarta a Nordeste. Passávamos pelo meio das Ilhas das Canárias quase sempre com vento de Norte, “Nortada”, até Lisboa. Assim que chegávamos, íamos directos ao cais das descargas.

Em geral levávamos três dias a descarregar. Quase não dava tempo para lavar as roupas. Era tudo à pressa. Quando nos calhava um dia de vigia; como era possível já homem ganhar metade dos marinheiros, depois de fazer uma viagem de 22-23 dias de trabalho duro. Era uma escravidão, mas éramos obrigados a aceitá-la. Se desembarcasse tinha que enfrentar os Invernos rigorosos, que caíam naquele tempo. E, os barcos aqui na Ericeira não tinham as mínimas condições. Eram de pequenas dimensões. Tinha sempre medo de eu e os meus, de passar fome. Obrigava a aceitar a escravidão, pois vejamos eram uns gatunos. [Em] todas as descargas, havia o peixe deteriorado ou mal condicionado. Todo esse peixe era vendido para a tulha; até muito dele era aproveitado para consumo, e esse peixe era fruto do nosso trabalho. Dele nunca ganhávamos um avo. Era um autêntico roubo, e não podíamos reclamar; se o fizéssemos acusavam-nos como reaccionários sujeitos a irmos presos por esses bandidos capangas do pirata comandante Tenreiro, que eles e muitos da mesma seita arranjaram fortunas à conta da nossa escravidão. Faltou-me resistir à sentença que me deu o senhor mestre de pesca Manuel Trabucho; perguntou-me se eu sabia os mandamentos cá de bordo, disse-lhe que não, então era trabalhar à pressa, comer à pressa, e dormir à pressa, pois este fazia parte desta seita. Nós trabalhávamos e eles é que ganhavam o bolo.

O navio tinha feito uma reparação de vinte dias. Ficámos parados e eu aproveitei a casar. E, combinámos com o padre Manuel [Gonçalves] para nos casarmos e foi rápido. Este padre Manuel era um santo, porque fazia baptizados, casamentos a toda a gente que era pobre e não levava dinheiro nenhum.

Casámos em 19 de Junho de 1952, já o menino tinha nove meses. Foi engraçado. Começou a missa e eu fiquei a conversar com pescadores que estavam a trabalhar com as artes de pesca da lagosta no adro, até que vieram as beatas a sair. Já estava a acabar a missa. Veio a Alexandrina cá fora a dizer-me que o padre estava à minha espera. Lá fui. Pedi desculpa e lá me casou. Na altura a minha mãe começou a chorar e a tia da Alexandrina [Manuela de Jesus Esteves Pereira] ao vê-la chorar deu-lhe um ataque de riso. Foi uma barraca. Tudo bem. Levei um casaco azul-escuro que o meu pai me emprestou e a Alexandrina levou um vestido verde que a prima Corália [Esteves Pereira Arruda] lhe ofereceu. Foi um casamento pobrezinho.

Depois fomos almoçar para casa da minha sogra. O almoço foi bifés com batatas fritas. Convidados foram meus pais e minhas duas irmãs, da parte do noivo, da parte da noiva só foi a mãe, minha sogra, a Marquinhas [Maria da Conceição Piloto] ficou chateada por não ser convidada. Volta e meia fala no assunto. Depois a minha avó paterna [Maria Guilhermina Arsénio] deu-me uma galinha e as tias da noiva deram-lhe um tacho, uma panela e lá fomos morar para o bairro dos pescadores. Foi esta a minha vida de moço em Cabo Branco.»

Regressamos novamente à entrevista – «Gostei de andar com o mestre Manuel Trabucho. Dei-me bem com ele, considerava-me porque eu trabalhava. Na altura embarquei de interino. Fui substituir um rapaz que tinha ido fazer seis meses de serviço militar na marinha. Quando o rapaz voltou para ocupar o lugar, o mestre disse-me que eu ficava. Não saía. Fiquei um

bocado atrapalhado com a situação. Andei mais ou menos dois anos em Cabo Branco nesse barco.

Naquela altura, em Novembro, Dezembro, aparecia muita marmota, penso que era altura da arribação do peixe, quando este procurava aquele fundo. Levei uma porrada. Um homem não estava habituado aquele movimento. Nós não estávamos sempre a trabalhar em pé ou sentados, trabalhávamos de “trocas” ou de braços. Eu já não podia mais. Cheguei a pensar – Então, eu fugi do bacalhau e agora apanho isto. Isto é uma desgraça. Cheguei a uma altura que pensei – Eu não aguento isto!

Depois tive mesmo de me habituar. Foi uma viagem de catorze dias e horas. Foi uma das viagens mais curtas. Era raro fazer-se isso. Aquilo foi chegar ao pesqueiro, largar a rede até carregar o peixe, durante três dias e horas. Não havia horas para comer. Não havia horas para deitar. Não havia horas para nada, enquanto o barco não estivesse carregado com 90, 100 toneladas de peixe. Sempre, sempre a trabalhar.

No princípio ainda estamos frescos e aquilo vai, mas chega a uma certa altura que satura. Aquilo era uma vida assassina. Por exemplo, íamos à rede, apanhávamos dois sacos de peixe, levámos um certo tempo a tratar o peixe, havia peixe para abrir, não era só pôr em canastas. Havia umas mesas para amanhar o peixe. As marmotas eram marmotas miúdas e “meanas”. Não era pescada. A marmota “meana” já tinha que se abrir e tirar a tripa antes de ir para o gelo. Não éramos capazes de meter o peixe todo para dentro do porão, dos sacos que tínhamos metido dentro do barco. Não dávamos vazão. Com uma mangueira de água varriámos o peixe do convés para o mar para entrarem mais dois sacos.

O peixe estava ao sol no convés e começava a escurecer. Abria-se o portáló, mangueira em cima e lá ia o peixe pela borda fora. Deitávamos ao mar constantemente toneladas de peixe. A nós pescadores custa-nos a dizer isto, mas éramos uns assassinos. Com este procedimento, certas espécies de peixe desapareceram. O barco arrastava lateralmente.

Naquele tempo, os barcos faziam fila para descarregar a marmota em Santos. Quando estamos a pescar à marmota, o fundo pode ser parcelado, tem serras e fundões, e a rede cai no fundão. A nossa costa está cheia disso, são altos e baixos no fundo do mar. Nessa situação vinha cada sacada de lagosta, que você não faz ideia. Quando caíamos no fundão, o saco vinha muito pesado, ao contrário de quando vinha só com marmota, porque a marmota quando vinha para cima flutuava e o saco não era tão pesado.

Nessas ocasiões utilizávamos uma foice de cabo comprido, para cortarmos o saco para se despejarem as lagostas para o mar, para podermos virar o saco para dentro do barco. As lagostas vinham em quantidades enormes na rede. Era uma sacada tremenda. Pegávamos nas lagostas e só aproveitávamos a côa, as cabeçorras grandes iam fora. Salgávamos as lagostas e depois íamos vender na Rua do Arsenal, a oito e a dez escudos o quilo. Também púnhamos algumas em frascos de vidro com vinagre para o petisco. Secávamos também chocos e lulas para vender. Era assim que íamos compondo o salário com aquilo que ganhávamos. O salário era baixo, nós ganhávamos era com as percentagens. Não me recordo bem, mas seriam quatrocentos e tal escudos. Quando o barco ia para a reparação o armador despedia-nos, quando vinha voltava a matricular-nos para poupar dinheiro a nível dos encargos sociais. Assim que chegava, a minha mulher vinha da Ericeira ter comigo. Cheguei também a morar na Bica, em Lisboa. Saí dali e fui para a marinha de guerra. Passei na inspecção, correu tudo bem.»

Recorremos, uma vez mais, à autobiografia de José Arsénio – «Tive que desembarcar, pois estava na hora para assentar praça. Tinha dezanove anos. Foi dos dezanove aos vinte anos. Agora é que a porca torce o rabo. Casado, já com um filho, ganhava cento e sessenta escudos como grumete da reserva da marinha da Armada. A mulher tinha que trabalhar. Andava na venda do peixe. Nós morávamos com a minha sogra [Olinda da Conceição]. Era uma santa, tinha todas [as] qualidades, como amiga ajudava-nos dentro das poucas possibilidades que tinha. E, não tenho vergonha de dizer, tinha-lhe mais amor do que à minha própria mãe.

Meus pais nunca me apoiaram. Só uma vez o meu pai por coincidência embarcou na mesma camioneta que vinha para a Ericeira e pagou o bilhete da passagem. Naquele tempo custava dez escudos. E, lá fomos vivendo dentro das nossas possibilidades durante os seis meses que estive a fazer o serviço militar na marinha.

Acabou a recruta fui para casa, [na] Ericeira, para começar a trabalhar nestas embarcações, nome de lanchas, barquinhos de pequenas dimensões, mas sempre a pensar em procurar uma vida melhor, porque aqui só no Verão e os Invernos [são] muito grandes.

O mar na Ericeira era muito rico em marisco como lagostas, lavagantes e santolas, caranguejos, lapas, mexilhões e percebes, como muita qualidade de peixe. Era uma fartura naquele tempo, isto em 1952.

Como era feita a pesca da lagosta? Em geral, a praça do peixe às cinco horas da manhã já estava aberta, com uma ou duas camionetas carregas de chicharro para vender. Era este peixe que servia de isco. Comprávamos duas caixas de chicharro. Eram escalados e depois atados dentro dos covos. Os covos eram as armadilhas para apanhar as lagostas, lavagantes, moreias e polvos grandes. Iscávamos entre 25-30 covos. Procurávamos fundos rochosos. Atirávamos com os covos para o mar. Dávamos uma hora de pesca. Depois íamos içá-los. Chegávamos a apanhar dez e doze lagostas, só num covo. Era uma alegria quando isto acontecia. Havia sempre o garrafão ali perto; lá ia uma pinga, corria de mão em mão. Em dois lances que fazíamos apanhávamos à volta de 100, 90, 80 lagostas.

Depois se estivesse vento vínhamos à vela, se estivesse calma tínhamos que vir a remos até chegar ao porto. Quando chegávamos, púnhamos todas as lagostas dentro de sacos de redes que ficavam no lago presos com uma pedra e uma bóia dentro na água para aguentá-las vivas até à hora. Era engraçado a venda do marisco. Uma hora antes do sol se pôr começavam os pescadores a puxar os sacos das lagostas para a terra para começar a venda. Estendíamos as lagostas na areia. Começavam todas a saltar e o pescador era o que fazia o pregão com um apontador ao lado, acompanhado do guarda-fiscal. O comprador dava o “chui”.

Depois ele analisava uma a uma e chegavam a encontrar algumas quase mortas e outras picadas por outras que eram capazes de morrer nos viveiros. Essas lagostas eram vendidas entre os vinte e trinta escudos, as mortas ou picadas iam a cinco ou seis escudos. Isto era a pesca do marisco.

Quando chegava a noite olhava-se para o mar parecia uma cidade flutuante com traineiras galeões todas com a rede de cerco largas, cheias de sardinhas ou carapaus. Neste tempo essas redes eram puxadas à mão, pois gritavam todos ao mesmo tempo “Olé vai” para fazerem a força todos em simultâneo até enxugar a rede para desembaraçar o peixe para bordo.

O início da pesca era sempre nos ensejos, uma hora antes de nascer o sol ou uma hora antes de pôr o sol. Era nestas alturas que começava a pesca. Mestre e camaradas olhavam para todo o horizonte para ver os pássaros marinhos como o alcatraz, gaivotas e gaivinhas, como golfinhos e outros mamíferos todos a atacar o cardume até que chegava a traineira fazia o cerco com a rede. Depois iam para o “Olé, Olé vai, Olé, Olé vai”, etc.

Depois da pesca os barcos carregados de sardinha, uns mais outros menos, dividiam-se uns para Peniche, outros para Cascais, Lisboa, etc. Descarregavam também 10-15 cá na Ericeira. Era uma faturinha em frente do porto. Ancoravam umas ao lado das outras. Depois carregavam as chatas ou botes para transportar para terra. Enchiam as caixas e dali iam para a lota. Havia descarga até haver compradores.

Enquanto os botes ou chatas descarregavam, para não encaharem, éramos nós rapazes que tomávamos conta delas e íamos brincar com os botes para a carreira, para trás do cais. Eles iam aviarem-se à praça; comprar fruta e trocar por sardinhas.

Chegou a acontecer, quando eram muitas a descarregar, o peixe era muito, já não havia compradores, o resto ia fora para o mar. Quando isto acontecia, meu pai e muitos pescadores pegavam em duas ou três caixas, amanhavam os carapaus, faziam uma salmoura. Depois nós íamos apanhar uma mão cheia de “resquilho”, ou caruma para estender; depois estendiam-se os carapaus para secar, para comermos no Inverno com batatas.

Os Invernos eram rigorosos, passávamos fome, a seca era feita mesmo ao pé da porta. Na altura quase não havia carros. Voltando atrás os botes ou chatas como nós chamávamos tinham a bordo aparelhos de anzol, iscavam e largavam para apanhar outras espécies como pargos safios, abróteas, fanecas, etc. para caldeirada que faziam a bordo.

A lota era feita no areal. Espetavam uns ferros no centro do areal em forma de rectângulo acompanhado com as cordas. Eram estendidas caixas de sardinhas ou carapaus naquele areal. Depois apregoador ou vendedor com as varinas e todos os compradores para darem o “chui”. Depois o movimento a ir buscar baldes de água ao mar para lavar o peixe e arrumá-lo nas canastas. E, os homens nos canastros. Também estavam os burros à espera para serem carregados. Era uma praia cheia de movimento.

Temos um miradouro que é o icebergue da nossa terra. É arribas que estava sempre com muita gente a mirar esta luta pela vida. Parece que estou a ver as varinas, os varinos com as canastas à cabeça, como os homens com os canastros que eram uma vara com uma canasta em cada ponta que a punham às costas e burros também a subirem por aquela calçada acima. Uns direitos à praça, outros com outros destinos, como aldeias nas nossas áreas. Muitas andavam a pé e descalças. Chegavam a percorrer vinte e trinta quilómetros. Muitas só comiam quando chegavam a casa e algumas com crianças pequeninas sozinhas e às vezes todas cagadas com fome à espera da mãe. Havia muita fartura de peixe, mas não deixava de haver fome porque o peixe ia ao desbarato e não comíamos só peixe.

Havia outras pescas como a do anzol, o aparelho. O aparelho é por exemplo cem metros de linha ou fio, em cada metro leva um estralho com um anzol. Cem metros cem anzóis. E, usávamos vinte aparelhos, pois assim que chegavam as traineiras as primeiras caixas eram vendidas aos pescadores para a isca. Ali na praia iscavam os aparelhos. O processo era o seguinte: camaradas moços acartavam para a praia aparelhos, as bóias, uma pana; a pana era uma tábua com uns 70cm de largura, 2,30m de comprimento. Era aonde nós cortávamos a sardinha para fazer os iscos. Iscava-se o aparelho. Depois de iscado embarcavam para bordo com bóias para sinalizar. Tudo embarcado, toca a remar, içava-se a vela, se houvesse uma aragemzinha bastava navegar uma ou duas milhas para largar o aparelho.

Outros compravam isca para pescar à linha no “lejo”. Eram os pesqueiros como Portão, Gajeiro, Recanto, Portão das Sapateiras, Cabeço da Rosa, Pedras da Pontarrala, Pedra da Malha, Pedra das 14, etc., etc. Estes em geral pescavam de manhã até às quatro horas da tarde; lá traziam caixas de fanecas, uns pargos, choupas, etc. Outros também compravam isca para a pesca do safio e goraz; também apanhavam abróteas, moreias, etc. Estes saíam de manhã para o pesqueiro, só regressavam no outro dia de manhã.

Nome de alguns pesqueiros cascos, S. Vicente, Santa Terezinha, Figo, Bergal, Pêra, Mar do Avô, Pedra da Palavra, Maçã, Casco da Rosa, as Chapas, os portões, como André, Belga, Manuel António e muitos outros.

Nessa altura os pescadores eram António Garamanha, o Moleiro [Fernando Bonifácio da Silva Brites], José Miguel [Rodrigues], o pai, o Tó Quim [Joaquim Rodrigues], Palaia, Guiné [António Henriques Carramona], João Camelão, Polinário [António Apolinário].

Esta era uma arte de pesca muito perigosa, porque eram barcos pequenos e distanciavam muito, alguns saíam e não voltavam, porque caía temporal, o mar também embravecia, barcos a remos e a vela não tinha defesa.

Cada barco tinha quatro tripulantes, mas apareciam três e quatro ajudantes, que depois juntávamos todos e começávamos a trabalhar. Uns a acartar os aparelhos, outros a cortar os iscos, outros a iscar os anzóis, outros a safar linhas e bóias. Depois dos aparelhos iscados e tudo pronto, toca a embarcar. Todo este tráfego para sairmos para o mar.

Navegamos a remos ou à vela uma hora ou duas, quatro ou cinco milhas, para largar o aparelho, que estendia dois mil metros, que dava dois mil anzóis, que depois de largo ficava a pescar uma hora, para depois começar a alar ou puxar para bordo. Começávamos logo a ver os peixes presos nos anzóis. Era um a remar, outro a alar e outro a desiscar os peixes presos aos anzóis. Quando a caçada estava toda a bordo, preparávamos para o regresso.

Era uma arte que apanhava muito peixe. Trazíamos sempre grande quantidade de peixe, como pargos cabaços, ruivos, pregados, rodovalhos, safios, moreias, fanecas, abróteas, raias, cações, galhudos, caneja, pata-roxa, etc. Era um barco carregado de peixe. Lá íamos à vela ou a remar de regresso à terra, para depois descarregar o pescado para a lota. Ficamos sempre com o suficiente para dividir para camaradas e ajudantes, que nós chamávamos moços, que também quando fazíamos as contas, havia sempre uma migalha para os moços. Isto era uma pesca, uma arte que respeitava todas as regras que são exigidas hoje. Esta arte usava anzóis grandes que só apanhavam peixes com as dimensões adequadas. Se nós todos trabalhássemos com este processo, hoje não estávamos a gritar e a chorar a ver o peixe desaparecer, a passo largos para um fim. Também pescávamos à linha.

Procurávamos os mares rochosos, como cascos de navios, com anos de naufragados, aonde são criados os congros ou seja os safios, moreias e gorazes, nos bancos de pedra.

Chamávamos o “lejo”, aonde pescávamos fanecas, pargos besugos, etc. Íamos de manhã e regressávamos à tarde com cinco seis caixas de fanecas, três ou quatro caixas de pargos e uma ou duas de choupas e ruçadas. A pesca nos cascos era diferente.

Era a pesca do safio. Largávamos para o mar à tarde e pescávamos toda a noite e o regresso era de manhã. Muitas vezes, chegavam com grandes lances de safios e de gorazes, como também aconteceu saírem e nunca mais voltarem porque eram traídos com os maus tempos que se formavam de um dia para o outro. Saíam com o mar calmo e durante a noite formava-se a tempestade, barquinhos com dimensões muito reduzidas, com cinco metros de comprimento e dois de largura, a remos e a vela. Não tinha defesa. Hoje não acontecia nada disto com as tecnologias. Já sabem que tempo e o mar que cai durante dois e três dias. Todas estas pescas eram feitas só no Verão. Naquela altura havia um ditado muito antigo, no fim de Agosto cada barco no seu porto. Eram todos encalhados pela calçada acima. Com o medo ninguém arriscava, pois no Verão ganhávamos umas corozinhas. Um Verão era tão pequenino e os Invernos grandes e dolorosos. Era assim e o dinheiro não chegava e aqueles que não pensavam noutra vida passavam fome, eles, mulher e filhos. Eu aproveitei assim que acabou o Agosto fui saber quando é que podia estudar para tirar a carta de marinheiro. Resposta na semana seguinte. Segunda-feira comecei eu [e] mais dez amigos, todos conhecidos.

Começamos a estudar para tirarmos a carta de marinheiro. Estivemos dois meses e meio na Escola Profissional de Pesca em Pedrouços, Algés. Éramos dez companheiros a tirar a carta e só tínhamos aulas duas horas de manhã e duas horas à tarde.

Só vinha a casa aos fins-de-semana. Voltávamos na Segunda-feira seguinte, para aprender muita coisa que já sabíamos, pois os senhores tinham que apresentar serviço, pois quem se lixou foi o mexilhão, digo eu. Não era preciso tanto tempo, para tirar uma carta de marinheiro. Chegou ao fim, fomos todos fazer o exame na Capitania do Porto de Lisboa. Foi um oficial da marinha que nos examinou. Quando acabou o exame todos nós esperámos os resultados.

Assim que apareceu uma praça a dizer, ficaram todos aprovados, éramos todos a correr para a Rua das Trinas, aonde se faziam as inscrições. Os que se inscreviam à frente tinham a vantagem de embarcar primeiro. Coitados correram para a morte, é [o] que tem que acontecer. Calhou-lhes o navio Açor, navio que pescava cá na nossa costa. Fizeram poucas viagens.

Houve um dia, o mestre pensou pescar ao norte do Cabo da Roca. Vinha de Lisboa e rumaram ao pesqueiro. Nessa noite o mar estava com grande ondulação e no Cabo Raso o mar partia muito longe da costa, pois passaram muito perto do cabo, o mar arrastou-o para terra para cima dos rochedos. Dá-se o naufrágio. Só se salvaram dois tripulantes. Um era cá da Ericeira, o Joaquim Caseiro, que ainda se encontra vivo⁵, outro era de Cascais, e o resto da campanha faleceu; todos incluindo os meus colegas e amigos. Os três eram de Setúbal. E, houve muita gente em terra que viu esta tragédia. Os tripulantes a subirem os mastros com a aflição a pedir socorro. Quando o mar partiu os mastros, depois atirou-os contra as rochas. Foi o fim. Acontece. Foi um erro tremendo, o capitão fazer um rumo muito arriscado. Falta de

⁵Joaquim Caseiro faleceu na Ericeira no final de 2013. Perdi assim a oportunidade de entrevistá-lo.

conhecimento. São erros imperdoáveis. Também faleceu, não está cá para ser julgado, pois também que esteja na paz do Senhor.»

Durante a entrevista revela-nos o primeiro embate com a doença que o tem apoquentado uma vida. José Arsénio sofre de distrofia muscular fácio-escapular-umeral⁶.

«Na escola da marinha, durante um exercício na sala com a metralhadora não conseguia ter a correcção que o sargento queria que eu tivesse. O gajo tinha lá uma varinha, exigia a postura. Eu dizia-lhe – Meu sargento, não consigo. Não posso! Tocava-me com a varinha. Até que me disse – Amanhã vais para o hospital. Fui para o Hospital da Marinha. Isto foi depois de um mês de lá estar. No hospital, o ortopedista fez-me o exame e no final perguntou-me – Você vai estar muito tempo na Marinha? Respondi – Sr. Doutor, posso estar mais dois ou três meses. Nesse caso escreve-se aqui que não tem problemas, pois vai estar cá pouco tempo. O meu pai não tinha esta deficiência, nem conheci ninguém da minha família que a tivesse tido. Isto é esquisito, pois dizem que é hereditário. O meu filho Rui tem o mesmo problema e o meu neto Miguel para lá caminha.

Eu recorde-me de estar ao leme em Cabo Branco e o capitão ter dado por isso. Disse-me – Eh, pá! Você tem aí um problema qualquer. Olhava para os meus braços e dizia – Você tem um problema qualquer. Eu tinha uma postura em pé diferente do normal. Estive na armada cerca de seis meses. Fui para Vila Franca de Xira para a escola de marinheiros, depois fui destacado para o Arsenal. Ganhávamos cento e tal escudos por mês. Era mais do que na tropa, e a alimentação era melhor.»

Entre 1953 e 1958, José Arsénio andou embarcado no “Ilha do Faial” como marinheiro pescador.

«Saí da marinha. Tirei a carta de marinheiro e embarquei no “Ilha do Faial”. Andei mais ou menos cinco anos nesse barquinho. Andei sempre na pesca de Cabo Branco e sempre como marinheiro pescador. O meu pai deu-me um recado – Quando fores para lá, faz o que vires fazer. Nunca mais me esqueci deste conselho. Andei de marinheiro nesse barco.»

Nos escritos sobre o tempo em que andou no “Ilha do Faial” recorda – «O embarque foi em 15 de Dezembro de 1953. Eu fui protegido pela sorte. Calhou-me o navio de pesca no Cabo Branco, Ilha do Faial.

Era um bom navio. Depressa comecei a conhecer toda a tripulação, também encontrei dois tripulantes já meus conhecidos. Sentia-me muito contente, pois era marinheiro; já ganhava o dobro de moço. Mesmo a ganhar mais, nunca deixávamos de ser escravizados de tudo que já expliquei atrás, que continua tudo na mesma. E, assim começamos a abastecer o navio com gasóleo, gelo, óleos, água e todos alimentos comestíveis. Tudo abastecido, é marcada a saída [para] 20 de Dezembro de 1953. Ficámos logo a saber que o Natal era passado longe da família. Não é só aos homens do mar que isto acontece, também acontece com doentes nos hospitais, reclusos e outros que não têm uma migalha para a ceia. O mundo é assim. Vamos esquecer o Natal.

Navegamos para o pesqueiro. Vamos preparando as redes e todos [os] elementos que fazem parte da pesca. Quando chegámos ao pesqueiro, largámos a rede. Faziam duas horas de pesca. Depois viramos a rede para bordo. É despejado o saco que trás o peixe. Se o peixe é rentável larga a rede novamente, no mesmo sítio, se não for, navegamos para outro pesqueiro.

O peixe é escolhido, pargos com pargos, garoupas com garoupas e assim sucessivamente. Todo este peixe maior é aberto para limpar tripas, buchos e lavado para chegar a terra em condições de ser consumido. Todo o peixe depois de ser tratado é metido em canastas para descer ao porão para ser gelado nos paióis. Os paióis são divisões que servem para separar as espécies. As canastas são vasilhas, que também servem para saber a porção de peixe, que apanhamos. Tem que [se] contar as canastas que descem ao porão. E, cada canasta leva o peso 30kg de peixe. É um meio de orientação. Toda esta lida é feita até ao carregamento do navio,

⁶A distrofia muscular fácio-escapular-umeral caracteriza-se por fraqueza dos músculos da face, da cintura escapular e mais raramente dos membros inferiores. Apresenta grande variabilidade clínica, inclusive em doentes da mesma família, com início desde a infância até à terceira idade.

cerca de 100 toneladas para tratar esta quantidade de peixe. Temos que trabalhar muito. São viagens que são feitas entre 20 a 23 dias, isto é, como eu disse atrás, cada ano que passa vai-se notando que o peixe vai faltando. Quando carregado navega-se para Lisboa para descarregar para a lota e venda do pescador. Até Lisboa leva cinco ou seis dias, isto é, tal e qual os alcatruzes, uns vêm e outros voltam. Era assim, todas as famílias estavam sempre de escuta para saber quando era a chegada e a que horas. Em geral quando o navio encostava ao cais, lá se encontravam os familiares da tripulação, pois assim que o navio ficava amarrado ao cais saltávamos para a terra para abraçar e beijar os nossos queridos. Íamos buscar os sacos de roupa suja, recebíamos ordens.

As ordens eram sempre as mesmas, no outro dia às oito horas da manhã para lavar a parte do porão que já tinha sido descarregado. Lá íamos para casa. Passávamos a noite em casa e procuramos tudo para recompensar o tempo que estávamos no mar, o que não era possível. O diabo era quando depois de vinte e três dias de viagem, eu e outro colega, tínhamos que ficar a fazer a vigia até ao outro dia, até às oito horas da manhã, quando éramos rendidos. Aquelas descargas eram uma barafunda que não dava para uma fugida a casa, para dar uma rapidinha, mas também antes de acabar o serviço da vigia, tomava o meu banhinho, que era para não perder tempo em casa. Assim que saltava para terra, procurava o transporte para casa. Parecia uma flecha. Entretanto já era horas de almoço. Era almoçar, depois cama e pimba, até dizer chega. Era assim a porca desta vida. Desculpem, mas isto não tem graça. Tudo isto era o que acontecia e tudo natural e sério e não palavras a mais.

Depois do barco estar descarregado, fazíamos a limpeza geral ao porão, para novamente carregar de gelo, gasóleo, água e mantimentos e tudo o que era necessário, para nova viagem. Marcada a saída, as famílias no cais à nossa despedida. Largávamos cabos e seguíamos viagem. Acontece, na viagem há problemas com o rancheiro, lembraram-se logo de mim, que eu tinha jeito, respondi que tinha de pensar primeiro. Depois de pensar aceitei. Era um encargo que eu ia tomar. O rancheiro é a pessoa que é responsável com a alimentação dos marinheiros e moços. O resto é com o cozinheiro, que tinha que cuidar dos encarregados. O rancheiro tinha que ter a orientação para fazer as requisições dos mantimentos, que eram precisos para a viagem, com este encargo deixei de fazer vigias.

Quando chegava de viagem estava sempre pronto para saltar. No outro dia, ia falar com os fornecedores que eram hábito, e requisitava as batatas, cebolas, alhos, massas e arroz, azeite, e temperos, etc. As carnes; ia ao talho, comprava a carne para cozer, como bifés, costeletas, etc. Como era bom freguês e para não o perder davam-me sempre uns bifés ou costeletas para levar para casa. Era também as vantagens que tinha. O rancheiro; era ele que escolhia e amanhava e salgava o peixe para o rancho e preparava a refeição para quando havia uma oportunidade para comer. Foi assim que me apareceu um bichinho de gostar da cozinha. Mais tarde, meteu-se na minha cabeça para ser cozinheiro. Cheguei a pedir informações como é que eu tirava a carta, pois ia ao Arsenal da Marinha, bastava fazer uma caldeirada e passavam-me logo a carta.

Aconteceu, nem a propósito. Eu descia as escadinhas da Bica, para ir comprar o livro de cozinha, para estudar alguma coisa. Encontro-me de caras com o meu pai, que subia as escadinhas e que me perguntou para onde é que eu ia. Eu respondi-lhe que ia ali à livraria comprar um livro para a cozinha. Ele respondeu-me logo, que não me metesse nisso, que eu era muito nervoso, e que ia arranjar só chatices, porque era assim, para uns estava salgado, para outros estava doce, mal cozido, cozido de mais, o peixe melhor era este, ou aquele. Foi um grande conselho que me deu o meu pai, que ele também reparava que eu tinha jeito para ir mais longe. É o que tem que acontecer.

Voltando a bordo lá íamos fazendo a viagem. Também aparecem problemas que nos põem os cabelos em pé. Navegávamos para o pescador. [O capitão] descuidou-se e ficamos encalhados numa coroa de areia. Se fosse nas rochas, o Ilha do Faial não voltava mais a Lisboa. Além do azar também tivemos sorte.

Na altura estava a maré vazia. Despejamos os tanques da água e gasóleo para o mar, para o aliviar e esperar que a maré enchesse e foi assim que o desencalhamos e navegamos para Lisboa. Assim que chegámos fomos para doca seca. Assim que a doca fica seca, verificamos que o leme estava por um fio e que estava fora do lugar. Nós perguntávamos como foi possível navegarmos tanto tempo com o leme assim, e o cadastro todo torcido. Tivemos vinte dias para reparar. Tudo isto por causa do encalhe.

Depois saímos da doca. Tivemos que ser vistoriados por oficiais da Marinha até que ficamos aprovados para seguir viagem. Lá fomos preparar o navio como, carregá-lo de gasóleo, gelo, água e os mantimentos para seguir para a pesca e foi a última viagem que fiz no Ilha do Faial desembarquei em 15 de Novembro de 1959. Foram cinco anos que estive neste barquinho.

Isto acontece porque quando cheguei a terra, meu pai perguntou-me se eu queria embarcar no navio da costa Eduardo Lopes de contramestre, que eu logo aproveitei, pois foi o começar de uma nova vida.»

Entre 1959 e 1962, José Arsénio andou embarcado no “Eduardo Lopes”. «Um dia, estava a bordo do barco [Ilha do Faial] e alguém me perguntou se eu não queria ir de contramestre para o “Eduardo Lopes”. Não me lembro, agora, quem foi; se o meu pai se outra pessoa; mas alguém foi.

Era um barco de pesca da Ribeira Nova. Era da costa, não tinha nada a ver com Cabo Branco. Respondi que sim e fui para esse barco. Voltei para a costa e já não fui mais a Cabo Branco. Nesse barco, o contramestre era contramestre e mestre de redes. O mestre do barco queria empurrar o filho que lá andava para contramestre, mas o filho tinha pouco jeito. O mestre pediu-me – Oh Zé, tu vais de mestre de redes, para ver se eu o consigo pôr de contramestre. Eu tinha que trabalhar que nem um preto. O gajo, nem uma costura sabia fazer! Aguentei porque gostava do mestre.»

Regressamos aos seus escritos – «Embarquei em 20 de Novembro de 1959 de contramestre. Assumi o encargo de grande responsabilidade. O contramestre tem de saber fazer costuras, tratar do porão, congelar o peixe, trabalhar com os guinchos, como todas as limpezas e ainda ajudar o mestre quando é preciso.

Foi uma ausência. Foram onze anos, mas voltei a trabalhar na nossa costa. Ainda vim encontrar muito peixe, porque agora os barcos já tinham maiores máquinas, mais potentes. Com máquinas com força temos sempre maior vantagem, porque somos mais rápidos nos arrastos, porque o peixe também tem olhos, e há espécies que são rápidas, como o chicharro, carapau e outras. Se não tiver força, eles passam-se. Já as pescadas, marmotas, fanecas, besugos, pargos e todo o peixe couro são peixes mais lentos. Quando pensávamos pescar ao marisco já era com força reduzida para fazer com que a rede se agarrasse ao fundo.

Apanhávamos camarão, lagostins, pescadas, etc.

Estas pescas eram feitas sempre durante o dia. À noite íamos ancorar para Cascais ou sítios que estivesse mais perto. Ainda me recordo, numa noite que parecia um inferno, trovoadas, vento, relâmpagos. Vimos, parecia uma bola de fogo em frente à Fonte da Telha, Caparica, uma coisa esquisita. Qual foi a nossa surpresa quando de manhã ouvimos a notícia que tinha sido um avião de passageiros que despenhou-se e que tinham morrido todos que iam a bordo, 61 passageiros, foi em 1961. Acontece que dois dias depois do acidente, o nosso armador foi contratado para o trabalho da ressega. Foram os dois navios da casa, o Mar Báltico e o nosso, o Eduardo Lopes.

O contrato foi feito com a média do dinheiro que recebíamos por dia, pois era um trabalho que não tinha nada a ver com a pesca. O armador saca o dinheiro que está certo e nós somos mandados para lidar com os despojos e pedaços de alumínio e tudo o que trazia o avião, pois era precisa muita coragem com todos. Iam a bordo conosco quatro, cinco holandeses, engenheiros, investigadores para analisar, qual as causas do acidente. Começámos com o processo de trabalhar. Preparamos uma série de bóias para balizar todos os percursos que nós fazíamos arrastar, era a maneira ressegar, meia, em meia hora íamos à rede. Recordo-me, no primeiro arrasto que fizemos apanhámos dois pedaços dos cadáveres, uma barriga de senhora

e parte das costas. As malhas da rede vinham sempre cheias de peles humanas, eram canastas e canastas cheias de ossos, todos partidos como pedaços de carne humana, ferros e alumínio do avião. Era assim todo o dia arrastar para juntar todos os fragmentos para analisar qual foi a causa. No fim do dia íamos para Lisboa. Quando chegamos ao cais já se encontrava um carro de bombeiros para carregar todos os destroços que apanhamos. Também apanhamos muitas roupas e algumas delas ainda com os alfinetes. Via-se que ainda não tinham sido usadas. Malas de viagem, todas despedaçadas. Recordo-me encontrar um estojo de senhora com um batom, um frasquinho, dois anéis de osso de tartaruga, tudo isto estava desfeito quase tudo em pó só para fazer uma ideia como tal foi a explosão. Estivemos dez dias sempre neste trabalho, mas também apanhávamos peixe e nada ia fora, pois isto era um extra. Era vendido e depois repartíamos o dinheiro.

Deixamos estes trabalhos e voltamos para a pesca normal até que ao fim de trinta dias fomos chamados para irmos fazer novamente os mesmos trabalhos de ressega. Recordo-me de apanhar um pé e parte da perna dentro de uma peúga. Era um cheiro insuportável com o cheiro das redes até no navio. Tivemos que desistir e voltar para a pesca.

Depois fomos para a pesca do peixe-espada num mar com o nome Cama da Vaca, que fica a nove milhas ao sul do Cabo de S. Vicente, Algarve. O peixe-espada era tanto que tínhamos que ir para terra, para ancorar em Lagos, para vir os algarvios ajudar, a tratar do peixe, que nós não conseguíamos. Era assim até carregar o navio. Era uma matança, nós e muitos navios a pescar ao peixe-espada. Era na altura que o peixe procurava para desovar e se juntava em cardume, que depois se afastava por completo, e que depois voltava mais ou menos nas mesmas datas. Até que ficou extinta, porque matávamos os pais e os filhos e não havia defeso.

Depois embarcou outro mestre, o mestre Serafim, o velho, que também gostava de descarregar peixe para a lota de Cascais e era no tempo em que o peixe era comprado por tabela. Eu como contramestre era o encarregado que tinha que orientar todo o processo desde a descarga até entrar na lota, mas também havia varinas que me atacavam para comprar os peixes de escamas, que eu podia fazê-lo sem prejudicar ninguém era só um jeito que eu fazia a elas [e elas faziam-me a mim]. Procuramos outras espécies como chicharro que também era o peixe mais abundante, mas também outras espécies, como marmotas, pescadas, gorazes, pargos, etc. Foram três anos de contramestre no navio Eduardo Lopes.»

De volta à entrevista – «O mestre Serafim pai foi um grande pescador. Foi vários anos campeão. Porquê? Porque naquele tempo não havia na costa portuguesa um barco igual ao “Cabo de Santa Maria”. Tinha todas as condições para pescar, melhor potência, comprimento, etc. O barco fazia num arrasto de uma hora, o que outros barquinhos não faziam num arrasto de duas horas. O homem tinha muitos conhecimentos. Antes, o velhote tinha andado num barco chamado “Cabo de S. Vicente”. Esse barco foi ao fundo no tempo da guerra (1945, 1946) em frente ao Cabo da Roca, a oeste noroeste, um pouco a sul. O casco está a 22 milhas, a 121 braças. Eu sei onde está o barco, porque pesquei muitas vezes lá, no Mar de Sintra. Nunca lá vi o Serafim filho. Andei anos aqui na costa e nunca o vi e, se o vi, foi uma vez ou coisa assim. Após o “Cabo S. Vicente” ir ao fundo, a companhia apresentou-lhe o “Cabo de Santa Maria”. Foi um grande pescador e campeão, como já disse. Com o tempo, o barco envelhece, como nós. Depois foi para o “Bérrio”. O filho, Francisco, foi tirar a carta de mestre. Eu dava-me muito bem com esse rapaz. Éramos amigos. Foi andar com o pai como mestre de leme, mas o rapaz tinha pouco expediente e acabou por ir para a Alemanha. O mestre Serafim pai, depois desembarcou desse barco e foi para o “Eduardo Lopes”, onde eu estava de contramestre. Ele chegava a terra e não dizia nada a ninguém sobre a pesca. Procedia assim porque queria ser o primeiro. E, eu sabia disso.

O mestre Serafim pai era analfabeto. Eu dava-me bem com ele. Pescávamos na Malha Grande, aqui e acolá. Pescávamos, em todo o lado, deste o Cabo de Santa Maria, a sul, até à Figueira da Foz, Cabo Mondego. O gerente da companhia desses barcos, António Manso, era cunhado do armador Eduardo Ascentão. A certa altura, as pescas começaram a falhar. Quem é

que paga? Já se sabe que é o mestre de pesca. Em determinada altura, o armador pô-lo a andar, um campeão! O armador despediu o mestre Serafim pai. O velhote começou a chorar. Eu assisti a isso. Foi por azar ou porque as coisas acontecem. A mim também me aconteceu isso. Aconteceu também com o Serafim filho. E, acontece com todos.

Era uma tristeza, um campeão, um senhor que tinha apanhado tanto peixe. Era doloroso, olhando também à idade que tinha. Era uma idade avançada. Andou quase à perada com esse António Manso, que era gerente e cunhado do armador. Depois foi para Setúbal pescar num barco pertencente ao armador Feu, do Algarve. O velhote esteve lá até abandonar a vida do mar e se reformar. Gostei imenso de andar com o velhote.»

Entre 1962 e 1965, José Arsénio embarcou no “Lusito”, no “Alda Benvinda”, no “M. Manuel Vilarinho” e no “Beira Litoral”. Em 1966, andou a pescar no “Luís Henrique” e entre Outubro de 1966 e Setembro de 1967 no “Valido”.

Regressamos ao texto autobiográfico – «Foram três anos de contramestre no navio Eduardo Lopes. Desembarquei e fui convidado pelo meu irmão para embarcar com ele no Alda Benvinda e fazer [de mestre de redes].

Comecei a trabalhar com meu pai [no Valido de contramestre e mestre de redes], com o processo de trabalho que eu não gostava e que não era justo. Não estava habituado. Mandava os homens de quarto descansar e entendia que eu devia de estar de sentinela para aquilo que era preciso. Quando não me via no convés ficava logo aflito. Eu aceitava porque era filho. Lixava-me porque eu não tinha o descanso necessário. De dia tinha que gramá-lo, à noite íamos ancorar para Cascais.

Eu tinha que tratar do peixe e depois tratar da rede. Só ia descansar às tantas, até desprender o ferro para voltarmos a pescar. Era uma sobrecarga até que um dia houve faísca. Disse ao meu pai que não era escravo, a trabalhar assim não, porque já andei noutros barcos e não tem a ver com isto. Acontece que lhe roeu [a] consciência e lá moderou. Tudo bem, eu como encarregado tinha as minhas responsabilidades. Ajudar sempre o meu pai naquilo que eu via que podia estar mal, e que nos podia prejudicar na pesca. Eu sei com a experiência, que já tinha, que a maior vítima era ele. Acontece, eu como encarregado tinha que avisá-lo quando via alguma coisa que estava mal.

Aconteceu que eu reparei que uma costura estava muito fraca. Dirigi-me logo ao meu pai e disse-lhe que o melhor era fazer uma nova costura, não vá causar grandes prejuízos se ela partir. Meu pai aceitou a ideia. Quando à noite acabou a pesca chamei os camaradas e fiz a operação. Tudo bem, o pior é que estava para vir.

No dia seguinte começamos novamente a pescar. Largamos a rede ao mar com toda a aparelhagem; a seguir quando o barco começa arrastar ou a pescar, dirigi-me ao meu pai e disse-lhe, que o barco não vinha a pescar bem, porque tínhamos que tirar a diferença do cabo que cortamos da dita costura, e que assim o aparelho vinha a trabalhar enviesado. Meu pai não aceitou a minha explicação. Fiquei furioso, até cabeçadas eu dei nas paredes. Fui-me deitar; pensei quando chegar a terra, ponho-me a andar, desembarco. Ele começou a pensar que eu tinha razão. Pede ao primeiro maquinista para me chamar para ir à ponte ter com ele porque estava chateado com aquilo que estava a passar.

Eu fui à ponte ter com ele e levei dois bocados de fio para lhe explicar aonde é que estava o erro; nem me deixou adiantar a explicação. Dá-me com as pontas dos dedos nos fios e disse-me que logo íamos medir os cabos. Eu reparei que ele viu que eu tinha razão, mas não teve a humildade de me dizer que eu estava certo. Quando ele me disse que íamos medir os cabos, pensei logo agora é que me vais pagar; tive uma atitude que não devia ter; mas é assim com ferros matas, com ferros morres. Quando chegou a noite fomos medir os cabos, quando comecei [a] ver, que ele estava a perder terreno, a minha razão a vir ao de cima. Já não me cabia uma palhinha no buraco do cú.

Depois dos cabos medidos ainda tem a lata de me dizer que não deixava de pescar com aquela diferença; era quase dois metros só para não dar o braço a torcer. Tivemos que cortar os cabos para ficar com as pontas certas, e tínhamos que fazer uma costura em cada ponta. Meu pai faz

uma, e eu faço a outra. Parece que estou a vê-lo a correr direito ao torno para fazer a costura à frente de mim; deu-me vontade de rir. Disse para mim, agora é que me vais pagar. Agarrei no cabo e rápido faço a costura e sentei-me de braços cruzados na borda do barco à espera que ele acabasse. Quando ele reparou em mim ficou furioso e disse-me que eu ainda estava nos tomates do meu avô, já sabia fazer costuras e eu com cara de sacana comecei a rir.

Mais tarde ele veio a casa e disse à minha mãe que me tinha faltado ao respeito, tive pena de tudo isto ter acontecido. Também era um barco com pequenos recursos e os camaradas terem que desenrascar a tirarem peixe às escondidas e eu tinha que fazer vista grossa, porque se estivesse no lugar deles fazia o mesmo. Tudo isto; ainda andei uns meses com ele.»

Na entrevista afirmou – «Eu andei com o meu pai de mestre no “Valido”. Eu era contramestre e mestre de redes. Fazia os dois lugares. O meu pai estava lá em cima na ponte e eu tinha que vigiar tudo aquilo que dizia respeito ao aparelho, cabos, redes, etc. Os cabos do aparelho vão-se desgastando normalmente. A certa altura eu disse ao meu pai – Olhe que eu não estou a gostar do cabo da mãozinha da porta, do lado da proa. Está a mancar. Não estou a gostar nada daquilo. É um cabo de aço que aguenta a porta da rede. O meu pai disse-me – Corta o cabo e faz uma mãozinha. Tinha de se cortar braça e meia de cabo. À noite, quando chegámos da pesca, chamei a malta, cortámos o cabo e fiz a mãozinha. A costura ainda dava um bocado de trabalho.

No outro dia de manhã, após largarmos a rede disse ao meu pai – Olhe que isto está mal. Os cabos reais tinham, umas marcas na “cocha”, a uma distância fixa, para sabermos a quantidade de cabo que tínhamos largado. Nos barcos de arrasto lateral, as marcações da “cocha” do cabo permitam-nos saber se os cabos estavam bem lançados. Eu disse ao meu pai – Olhe que isto não está a pescar bem. Quem é que metia na cabeça do meu pai, isto? Chateei-me tanto com o meu pai, por causa disso. O meu pai não chegava lá. Não compreendia. O meu pai tinha esse defeito. Eu também tenho. O meu se calhar é pior do que o dele. Dizia-me – Oh pá, cala-te! Estás com isto e com aquilo. Cala-te! Fui direito ao camarote, pus-me dentro do beliche, que era à popa, e pensei – Chego a terra, meto-me por terra a dentro e já não volto. Não vou estar a chatear o meu pai e ele a mim. Quando estava deitado apareceu-me o primeiro motorista. Tinha sido o meu pai que o mandara vir ter comigo. Tinha-lhe dito – Vai lá abaixo ter com o rapaz. Ele está desarvorado. Expliquei-lhe com dois bocados de fio a diferença que os cabos tinham por ter cortado um pedaço para fazer a mão. Um ficou mais curto do que o outro e havia que tirar a diferença. Fez um gesto de indiferença com a mão. Disse-lhe – Acha que eu sou algum boneco? Você está a brincar ou o quê? Depois disse-me – Nós, logo à noite vamos medir os cabos a ver se tens razão. Fomos medir os cabos e quando cheguei ao chicote é claro que havia um mais curto do que o outro. Custava-me muito. Como é que o meu pai não metia aquela na tola! Havia qualquer coisa que eu achava esquisito, pois era tão visível. O meu pai ainda teve a lata de me dizer – Não era por causa disso que isto ia deixar de pescar. O meu pai disse-me – Agora, vamos cortar o cabo para acertá-lo. Está tudo direito. Cada um vai fazer a sua costura. O meu pai agarrou num chicote para fazer a costura e eu agarrei no outro para fazer a minha costura. Parece que estou a ver o meu pai. Foi a correr à popa do barco com o chicote na mão, porque tinha um torno à ré para apertar o cabo e fazer a costura. Naquela altura tinha força. Fiz a costura à mão, pás, pás. Ele foi a correr para fazer a costura primeiro do que eu. Já lhe soara ao ouvido que eu era rápido a fazer costuras, em cabo de aço. E era. Depois da costura feita sentei-me à borda, à espera que ele viesse com a costura feita. Ele quando me viu – Disse-me danado – Ainda, eu andava nos toma... do teu avô e já fazia costuras. Eu, feito malandro, ainda me pus a rir, por vê-lo danado por eu o estar a contrariar. Fiz-lhe uma parte. Não devia ter feito. Depois da viagem quando chegou a casa o meu pai disse à minha mãe – Olha, faltei ao respeito ao nosso filho. A minha mãe é que me contou isto mais tarde. Eu, depois, não quis andar mais com o meu pai. O meu pai sacrificava-me. Porque é que ele me sacrificava? Naquela altura, ele era encarregado. Não queria facilitar que ninguém andasse ao leme. Punha-se lá sozinho e queria ver-me.

Eu tirei a carta de mestre costeiro pescador em 26 de Outubro de 1966, após sair do “Valido”. Eu não tinha o exame da quarta classe, tinha a segunda classe. Para poder tirar a carta era obrigatório ter a 4ª classe. Para fazer a 4ª classe falei com o professor Botelho, que me preparou e fez o exame. Tirei a carta na Capitania do Porto de Lisboa.»

Entre 12 de Setembro de 1967 e 6 de Dezembro de 1967, andou de mestre de leme no “Luso Arrasto”.

Na autobiografia escreveu – «Depois pensei em desembarcar. Foi uma tristeza quando lhe disse [ao pai] que me ia embora, pois pensei em estudar para tirar a carta de mestre pescador costeiro. Acontece, o que eu não sabia, que tinha que ter o exame da quarta classe e eu não tinha. Lá vou eu também para a escola de adultos. Numa semana fiz o exame. Fiquei aprovado. Depois encontrei-me com um amigo cá na Ericeira, Manuel Ronca. Descobrimos um professor de náutica na Rua do Norte. Dava aulas até às duas da manhã. Quando chegava a casa aquela hora a Alexandrina estava sempre desconfiada que eu andava no pandam, mas não era assim. Tive muito que aprender, como exemplo, saber os nomes dos faróis da costa portuguesa, saber a cor e rotações que davam, saber distância de milhas, conhecer as entradas dos portos, os baixios das barras, etc. Depois fomos examinados na Capitania do Porto de Lisboa por um oficial da marinha. Passei com dificuldade, enervado, esgotado de tão pouco tempo ter na cabeça as respostas que fiz, mas felizmente fiquei aprovado em 26 de Outubro de 1966 com a carta [de] mestre costeiro pescador.

Primeiro barco que embarquei de mestre de leme foi o navio de arrasto Luso Arrasto. Ainda andei a trabalhar com o senhor mestre um ano, o tal que o meu pai conhecia, e que lhe pediu se arranjava uma vaga de moço para eu embarcar, para me livrar da rapariga nessa altura. Quando embarquei tinha quinze anos, era moço e agora fui-me encontrar com ele já com trinta e três anos, de mestre de leme, no barco que ele anda e que muito gostei do processo de trabalhar, porque pescava quase sempre ao marisco, como lagostins, camarão e pescada, etc. Também sabia, que cada degrau, que subia, maior eram as responsabilidades. Mestre de leme é como um capitão a bordo, num navio de maiores dimensões, e não tem a ver nada com a pesca porque a pescar o responsável [é] o mestre pescador. Até que o armador me convidou para embarcar num navio da casa como mestre pescador e eu aceitei o convite.

Embarquei no navio Alfredo José, um barquinho de pequenas dimensões. Foi uma aventura, mas sabia que era uma aventura, porque sabia que tinha que ter conhecimentos suficientes para trabalhar, como conhecer os pesqueiros, os fundos do oceano, etc. Pescar para apanhar a maior porção de pescado, para que dê os lucros suficientes para tripulantes e armador.

Os pescadores ganham à base de percentagem do pescado porque o ordenado era pequeno. Se o mestre não der o rendimento é despedido, isto tal e qual um treinador de futebol, mas as coisas correram-me bem, [a] olhar às dimensões do barco. Até que o armador ofereceu-me um navio de maiores dimensões, o navio Luso. Foi o maior desastre da minha vida do mar.

Descarregava em Cascais, os encarregados das descargas e da lota, era a ver quem roubava mais e foi assim que me fizeram a folha, mas há males que dão para o bem. Depois fui para casa desempregado.»

Entre 7 de Dezembro de 1967 e 12 de Abril de 1968, José Arsénio foi mestre no “Alfredo José”.

Na entrevista acentuou – «O primeiro barco em que andei de mestre de leme foi no “Luso Arrasto”. O mestre pescador era José dos Reis. Para os armadores, o mestre de pesca era mais importante do que o mestre de leme embora este último fosse o responsável da embarcação perante as autoridades e a lei.

Naquela altura, o Serafim filho andava de mestre no “Alfredo José”. Nós por hábito íamos descarregar a Cascais por causa do marisco. As quantidades eram poucas e a lota de Cascais pagava melhor preço.

O Serafim desembarcou do “Alfredo José” por um motivo que eu não sei qual foi. Eu, conhecia bem o motorista do “Alfredo José”, já tinha andado comigo. Tinha um certo à vontade com ele. Fomos a terra, eu e o mestre José dos Reis, a Cascais. Estava lá na areia, o

armador dos barcos, “Luso Arrasto” e “Alfredo José” para falar com o encarregado de pesca que era o José dos Reis. E, vi o tal primeiro motorista que era o Sr. Fernando. Cumprimentei-o, falei com ele e perguntei-lhe – Quando é que vão para o mar? Eu sabia que o barco estava em terra. Ele respondeu-me – Você não quer ir para lá pescar! Disse-lhe – Você está a brincar? Perguntei-lhe – Quem é que lhe disse isso? O mestre Serafim disse-me que você não queria ir para lá. Aquilo era para me tramar.

O armador estava a ouvir a conversa e disse para o mestre José dos Reis – O melhor que temos a fazer é levar o “Zé do Norte” para Lisboa para dar baixa, para ser matriculado no “Alfredo José”. Ia ocupar o lugar no barco em que o Serafim tinha andado. Eu nunca tinha dito nada a ninguém. Para que é que ele inventou que eu tinha feito aquela conversa. Saí de mestre de leme do “Luso Arrasto” e fui para mestre do “Alfredo José”, num determinado dia. No dia seguinte, cerca da hora do almoço, em S. Paulo, onde parava a malta da Ericeira, apareceu-me o Serafim. Morávamos em frente da taberna do Careca. A minha mulher – era prima direita dele, a mãe dele era irmã da minha sogra – ouviu qualquer coisa e veio à janela. Achei estranho. Chegou e deu-me umas palmadinhas nas costas e disse-me – num tom alto – Seu primo, parabéns! A intenção dele era vir falar comigo a respeito das redes, quando começou a falar eu disse – Oh Serafim, eu vou fazer aquilo que entendo. Cada mestre tem a sua mania, joga com as pedras que conhece, o peso do arraçal, o número de bolas, e por aí fora. Havia sempre qualquer coisa diferente. Havia uma diferença entre eu e ele. Ele podia pescar em todo o lado. Eu se fosse para as zonas onde ele pescava ia preso. Depois disse-me – Vamos arranjar um código para trabalharmos os dois. Argumentou que os dois barcos eram mais ou menos parecidos. Eram de pequenas dimensões. Desse modo poderíamos ganhar mais alguma coisa. Concordei.

No primeiro dia de pesca, fui pescar para o Mar Novo. Tive sorte; calhou; apanhei uns peixinhos. Agora creio que é proibido pescar aí. Como ainda estava à espera do código, quando cheguei a terra, a Cascais, disse ao meu contramestre, o Ará filho [António Augusto Arbelo] – Vais ter com o Serafim e diz-lhe que está ali uma pesca jeitosa para nós. O Ará deu-lhe o recado.

No dia seguinte, quando saí para o mar, o gajo não me acompanhou. Estranhei. A pesca mantinha-se na mesma quantidade. Disse ao Ará – Vais dizer ao Serafim que se ele tiver problemas com qualquer coisa, pode vir, eu dou-lhe espaço. Sabe o que é que isto significa? Que o pescador dava para os dois. O peixe chegou a uma certa altura e falhou. Era escasso. Um dia, o Ará vem de terra e eu soube por ele, que o Serafim trouxera uns peixinhos bons. Não foi o Serafim que tinha dito directamente ao Ará. O Ará não sabia em que mar é que ele andava a pescar. Porque se soubesse quando ele lá chegasse, já lá estava eu. Não era preciso andar a atrás dele. Nós estávamos fundeados e disse ao Ará – Quando ele suspender o ferro, nós suspendemos também e vamos seguir a linha dele. Suspendemos o ferro e fui na linha dele, cerca de três minutos depois de sairmos, ele apagou as luzes. Eu na boa-fé, apaguei também. Pensei – Era para a malta não nos ver. Ele vai a navegar, por aí fora, e a certa altura começa aos ziguezagues. Ele esqueceu-se que eu tinha radar e estava a vê-lo. Fiquei furioso. Disse ao Ará – Mudamos de rumo e vamos embora. Foi ter comigo a S. Paulo, com palmadinhas nas costas, e depois fez-me esta parte! Eu nunca mais lhe falei. Ele diz no seu depoimento que não sabia qual foi a razão porque eu deixei de lhe falar!

O Fernando, dono do restaurante “Ti Matilde”, aqui ao pé, uma vez disse-me isto, através de conversas que tinha ouvido sobre a nossa desavença – Você uma vez ia atrás dele e... Afinal, o Serafim sabe porque é que eu deixei de falar com ele!

Eu é que levei o “Alfredo José” para a Figueira da Foz, e não ele, como diz, e eu, é que trouxe o “Luso” para baixo.»

Entre 8 de Maio e 3 de Junho de 1968, José Arsénio foi mestre no “Luso”. «Na história do “Luso”, é verdade o que ele diz [Serafim Pereira⁷], que aquilo lá em terra era uma roubalheira.

⁷Ver o depoimento de Serafim Pereira.

Ele aí tem razão. Em terra, o melhor peixe era todo roubado. É verdade! Eu vim-me embora! Saiu-me a sorte grande.»

Entre 1 de Setembro de 1968 e 23 de Fevereiro de 1972⁸, José Arsénio foi mestre de leme do “Joaquim Fernandes”.

«Fui para o “Joaquim Fernandes”, que era o melhor barco de arrastar pela popa que lá andava. Fui à escala, à Rua das Trinas, falar com o Simões. Ele tinha uma certa consideração por mim. De vez enquanto aparecia na Ribeira Nova e dava-lhe uns peixitos. Disse-me – Não é fácil arranjar todos os dias um lugar de mestre. Respondi-lhe – Eu encaro qualquer enxada, contramestre, mestre de redes, mestre, seja o que for. Depois disse-me – Sendo assim, vais fazer o seguinte: Vais à doca seca, que era a doca da Lisnave, nunca digas que vais com o meu conhecimento, e falas com o Meloas. Tu sabes o que deves fazer. Quem me tinha dito que ele tinha uma vaga de mestre de leme foi o tal Simões, da Rua das Trinas. Voltou a dizer-me – Não digas que vais da minha parte, porque o gajo não gosta de mim. Meloas; era alcunha, não me recordo do nome dele. Cheguei lá e disse-lhe – Sei que precisam dos serviços de um mestre de leme. Ele disse-me logo – E, depois como é que é? Vais para a Ericeira? Respondi prontamente – Não! Não! A Ericeira é que vem cá. Quando for preciso a minha mulher vem a Lisboa. Depois acabou por ter uma certa simpatia por mim, porque eu cumpria as minhas obrigações.

Já me estou a pôr aqui num escadote. Mas isto é real. Nesse barco andei com o mestre pescador algarvio chamado Albano. Foi com ele que aprendi bastante. Era um portento a trabalhar. Conhecia tudo. Ele tinha necessidade que eu também soubesse, porque sofria de gota. A doença era terrível. Chegava a ir de charola para terra.

Nessas alturas, eu é que fazia o lugar dele. E, desenrasquei-me sempre. Ele chegou a estar dias em terra. Era natural da zona de Lagoa. Foi um campeão. Também era malandro. Uma vez caçou as redes dos Padinha daqui e tive que vir à Ericeira safar o assunto. Fui ter com os Padinha e disse-lhes que ia pedir mais alguma coisa ao Meloas. Para não dizerem que tínhamos roubado as redes e não divulgarem o facto. Trouxe mais do que o preço das redes. Pagaram-se as redes e mais alguma coisinha por causa do preço do peixe. Fui duas vezes campeão. Ganhei mais dinheiro do que quando andei na companhia dos Lusos. Andei nesse barco durante dois anos. Aprendi, com o mestre Serafim pai, com o meu pai, com o mestre Albano, com todos eles. O mestre Albano ensinava-me tudo. Com o mestre Serafim pai aprendi a pescar de noite na Malha Grande.»

Na autobiografia escreveu o seguinte sobre o período em que andou embarcado no arrastão “Joaquim Fernandes” – Em 28 de Fevereiro de 1969 saímos da Doca Pesca, depois de descarregar a pescaria, com rumo ao pesqueiro. Era por hábito, o senhor primeiro maquinista, gostava de conversar comigo e muitas vezes íamos a conversar até ao pesqueiro. Mas nesta data acontece; quando íamos a navegar ao largo do Farol da Guia, eu e ele, ouvimos um barulho muito esquisito na máquina. O maquinista correu logo à casa da máquina para verificar se aquilo que ouvimos teve alguma coisa a ver com a máquina. Estava tudo em ordem.

Quando eu olho para terra vejo a terra todas às escuras, logo pensei que algo se estava a passar. Fui logo ligar o rádio; já estavam as notícias no que estava a acontecer. Foi então um sismo com uma escala média de intensidade que pôs a população em alvoroço em Lisboa. Fugiram para as ruas os homens em pijama, as senhoras em camisas de dormir e a rádio pedia constantemente que se acalmassem, que o pior já tinha passado.

Nós íamos sempre com [o] rádio ligado a ouvir as notícias e rumamos com o rumo à pesca, mas sempre ralados com o que se passou principalmente com as nossas famílias. Tivemos conhecimento depois que não houve problemas e que não passou de um susto e que não foi pequeno e continuámos a nossa vida.

⁸Na segunda via da cédula marítima consta 23 de Fevereiro de 1970, mas de acordo com as suas declarações deverá ser 23 de Fevereiro de 1972, pois nunca esteve dois anos consecutivos sem trabalho.

Pouco tempo depois também tive um problema terrível que nem sei como escapei de morrer, porque existem coincidências que me fazem pensar, porque é que isto acontece, porque não acredito em tudo. Não sou crente, mas também não sou ateu e [a] história é esta – Estava muito vendaval; nós e os barcos, das nossas dimensões, não saíram para o mar e o que ficamos amarrados à muralha, ainda era fusco-fusco, quando o mestre de pescador e o mestre de redes saltou para a terra para verem a vendagem do peixe que estava a ser vendido. Eu depois quis ir fazer o mesmo. Quando salto para terra de sapatos, que tinham pregos nas solas, escorrego e caí ao mar. Parece que fui ao fundo e vim para cima. Era a ondulação a bater na muralha e ao mesmo tempo a bater no navio; era uma aflição a respirar toda aquela porcaria, óleos, bocados de cortiça, plásticos, etc.

Tive sorte que os marinheiros ainda estavam deitados e acordados e pela vigia viram-me cair ao mar e correram para me socorrerem; já estava cansado e como é que apareceu um cabo pendurado na muralha para eu me agarrar; e foi que me ajudou a salvar. Fiquei com um trauma que cheguei a dizer que o mar nunca mais.

Depois apareceu o armador que me animou. Mandou-me levar o barco para a doca e fosse descansar e foi assim que as borras assentaram e comecei a vida novamente. Mas nunca mais fui o mesmo a saltar para terra, saltava sempre com medo.

Também aconteceu, estávamos nós e mais três barcos a pescar na costa da Galé, Setúbal, na zona proibida. Apareceu um barco pequenino da pesca artesanal disfarçado com duas autoridades marítimas a bordo, que nos prendeu a nós e aos outros três. Fomos enganados nós e os barcos. Fomos presos para Setúbal. Depois nós, os mestres de todos os barcos, fomos chamados à Capitania de Setúbal aonde nos deram a sentença. Foi navegar para Lisboa e apresentarmos no quartel da marinha em Alcântara para sermos presos.

Quando lá chegámos mandaram-nos buscar um colchão cada um; colchões sujos cheios de teias de aranhas; isto foi uma tourada, enquanto alguns se riam; houve quem chorasse, mas tudo correu bem. Assim quando chegava a noite fugíamos, um cada vez, para não sermos caçados e de manhã entrávamos às sete horas para chegarmos primeiros que os oficiais da marinha. À hora do almoço arrancávamos também, um cada vez, para irmos almoçar a casa e foi assim que passei os vinte dias [de] prisão.

Depois da pena cumprida saímos para o mar, para começar a nossa vida. Navegámos para o mar com o nome Sudoeste da Berlenga. Largámos a rede. Eram sete horas da manhã. Fizemos um lance de três horas. Depois fomos virar a rede. Trazia uma sacada de peixe tão grande que eu e a maioria tivemos medo de metê-la a bordo, que o navio não aguentava tanto peso e haver problemas e irmos ao fundo ou naufragarmos. Eu pedia a Deus que rebentasse o saco e foi o que aconteceu. Foi saco e peixe pelo fundo abaixo. Depois andámos dias e dias a pescar no mesmo sítio e nunca apanhámos o saco.

Até que fomos [para a] reparação, onde estivemos um mês, a reparar. Voltamos novamente ao mesmo pesqueiro e apanhámos o saco, depois de estar debaixo de água seis meses. Só trazia escamas e espinha e um cheiro terrível. Depois lavámos o mesmo saco, que ficou pronto a trabalhar.

Andei três anos. Fomos campeões dois anos e um ano em segundo lugar. Correu tudo bem e foi neste barco, com este encarregado de pesca, que aprendi ainda mais a trabalhar e a ter a astúcia que é preciso. Aquele que pensar a sério nesta vida não vai a lado nenhum. Era um homem que volta e meia ficava paralisado com o problema [do] ácido úrico. Depois era eu que pescava no lugar dele e as coisas corriam-me sempre bem até um dia, que um barco da casa precisava dum mestre pescador.

O armador foi pedir ao meu mestre [Albano] uma opinião para arranjar um mestre pescador. Ele deu-lhe logo a resposta, então não tem aqui o José do Norte. O armador respondeu-lhe que se tinha lembrado de mim, mas que eu podia fazer falta quando você estivesse doente e o mestre respondeu, temos que ajudar aqueles que trabalham e que já me tem ajudado muito e não se rale quem vier logo se vê. Eu ao saber isto fiquei logo a saber a grande consideração

que ele tinha comigo. Talvez fosse o meu maior amigo, que eu tive na pesca, e foi assim que embarquei como encarregado de pesca no navio Silva Fernandes.

Comecei a pescar e as pescas correram bem. Ainda andei dois anos e meio neste barco.

Aconteceu, o seguinte depois de um ano – o armador vendeu o barco, a um armador de Aveiro, este também tinha barcos do bacalhau. Quando tive conhecimento fiquei furioso.

Quando cheguei a terra, disse ao encarregado do patrão, que o armador tinha vendido o barco, mas que não tinha vendido a mim. Este recado deu um resultadão, porque na viagem seguinte, já estava ele com um envelope com vinte contos. Naquele tempo era muito bom.

Deixou de ser meu patrão. Começou a ser o de Aveiro. Lá fui andando até que me fartei; até que um dia encontrei um amigo, que também era encarregado de pesca, o senhor Manuel Ronca e contei-lhe que já estava farto do barco. Ele disse-me que o armador dele, que estava a construir um barco e que devia estar quase pronto e se eu queria ir falar com ele. Disse-lhe logo que sim e fui. Falamos com o armador. O homem disse-me que não me conhecia e que ia saber o meu currículo. Na viagem seguinte quando cheguei a terra, deram-me o recado que me preparasse para embarcar no barco novo para arranjar redes e toda a aparelhagem.

Quando fui informar o armador que ia desembarcar e que ia para outro, que era um barco mais moderno, e que me oferecia umas condições de trabalho melhores, o homem parece que estava maluco, a pedir-me que não desembarcasse, que tinha comprado o barco a olhar às médias que o barco fazia; e agora procuro outro e se me não dá o rendimento, o que eu faço à minha vida, e que me assinava uma declaração que me dava cem contos no fim dum ano de trabalho. Ceguei com o sacana do dinheiro. Naquele tempo era muito dinheiro, e eu também assinei; com aquela choradeira deu-me a volta. Ainda hoje como é que um homem se esquece da honestidade, que vergonha que eu tive de negar um compromisso. Tive que ir falar com o armador a pedir-lhe desculpa e assim foi. O homem nem queria acreditar e virou-me as costas com desprezo. Ficou-me na memória para toda a vida e nunca mais fui a mesma pessoa.

Desejoso que passasse um ano. Passou um ano, pagou-me os cem contos, ainda fui continuando.

Acontece, o barco passou um fim-de-semana em terra e ao Domingo combinamos para uma almoçarada na Foz do Lisandro, eu, [o] Papum [António Florêncio Baptista Neto], [o] Clemente, o José André, [seu filho] e as mulheres. Foi enguias fritas. Eu torci um pé e fiquei com dificuldades em andar. Tive que telefonar para Lisboa, que não estava em condições para ir para o mar. Pedi ao mestre de leme que fizesse um dia, para o barco não perder o dia. E, assim foi. À noite fui para Lisboa e embarquei. Tudo bem. Dei ordens da saída para o mar e fui-me deitar.

Quando de manhã vou verificar os meus apontamentos, reparei que foram mexidos. Foi violada a minha privacidade, porque os nossos roteiros também têm segredos das pescas.

Também não lhe disse nada. Deixei-o andar. Nunca mais fui o mesmo homem para ele.

Até, que um dia, me perguntou, que me achava diferente e se passava alguma coisa com ele.

Dei-lhe a resposta, se não tinha a vergonha de violar o meu roteiro, e se estava a pensar que eu era algum tanso. Coitado não conseguiu dar-me uma resposta, também não o mandei embora, porque já sabia que ele ia por si, porque não se sentia bem com ele, até que desembarcou.

O armador pediu-me, que tinha um mestre de leme e se não me fazia diferença. Aceitei; ainda era primo do armador; tudo bem; não o conhecia, mas tive que me pôr à tabela.

Mas não foi preciso muito tempo para conhecer a criatura. Pensava que vinha aprender alguma coisa comigo. Cagou-lhe o cão na carreira; dava-lhe o rumo e a posição do mar, que eu queria pescar, mas sempre errada. Depois mandava-o embora, que fosse descansar e era assim que depois rumava para o lugar certo. Com o tempo começou a perceber que comigo não aprendia nada, até que aconteceu aquilo, que eu queria para ter pé, para me ir embora.

Nós tínhamos metido cabos novos no guincho e não estavam bem apertados como devem estar e eu como pescador era responsável, e o tal dito senhor caiu na asneira de me dizer que os cabos assim estavam mal, e que deviam estar esticados e eu respondi-lhe que na pesca quem manda sou eu. Começou a refilar, há é assim, então vamos à rede e vamos para Lisboa,

que eu quero desembarcar. Quando chegámos, já estava o armador à nossa espera. Eu disse-lhe que estava chateado e que não estava bem. E nunca lhe disse a razão por que desembarcava.»

Entre 4 de Setembro de 1972 e 4 de Setembro de 1973, José Arsénio foi encarregado de pesca no “Silva Fernandes”.

Vejamos um episódio curioso do registo escrito de quando foi tripulante do “Silva Fernandes” – «Saímos sozinhos, debaixo de mau tempo e fomos pescar para a Costa da Galé. É uma área entre Setúbal e Sines, em zona proibida. Pescamos a uma, duas milhas da terra, em trinta e tal braças e eu sabia que com mau tempo os barcos da fiscalização não saíam, porque eles enjoavam. Era assim, largamos a rede e as pescas estavam a ser muito boas. Continuamos a pescar até que ouvi pela rádio, por um colega meu, que estivesse a pau, que ia a sair um barco de guerra na barra de Setúbal. E, eu fiquei desconfiado com a gentileza do meu colega me avisar, porque nós naquela vida somos uns mafiosos uns para os outros, mas depois de estar atento confirmei que afinal era mesmo verdade.

Eu consegui detectá-lo com o meu radar e logo fiquei de sentinela e segui o rumo que ele rumava, até que o perdi de vista. E, fui pescando até à noite, mas sempre a pau, até que fugi com medo não viesse e me caçasse. A noite e o mau tempo continuava com muito mar e vento, e navegamos para Lisboa. Dei ordens ao mestre de leme que não encostasse muito a terra porque estava muito mar e que eu ia descansar um bocadinho e quando estivesse perto da barra que me chamasse.

Mas acontece que me chamou antes, mestre José está aqui um iate à deriva e que é capaz de estar a pedir por socorro e aproximamos dele. Reparámos da nacionalidade. Vimos que era holandês. Ninguém a bordo percebia aquela linguagem. Mandeí chamar o primeiro motorista, que era a pessoa mais culta, também não percebia. Estava muita ondulação, não podíamos estar muito perto um do outro. Foi uma aflição não perceber, como havíamos ajudar aquelas almas. Lembrei-me de chamar pela fonia os pilotos da barra, que estavam ao abrigo, no Rio Tejo, responderam-me, e eu expliquei tudo o que se estava a passar, que nós não os compreendíamos, mas percebia que estavam a pedir ajuda. Os pilotos ficaram como estavam e não quiseram de saber de mais nada.

Eu e todos os nossos camaradas aflitos, a pensar qual era a melhor maneira de os ajudar, porque passar reboque nem pensar, com o mar que estava, estávamos sujeitos a pô-lo no fundo. Pensei, com os gestos, que ia devagarinho e que viessem atrás de nós. Pedi ao motorista um homem para a máquina e estivesse atento para responder à força que eu pedisse. Assim foi. Começámos a navegar devagarinho e ele atrás de nós. Eles com medo, deixaram-se ficar para trás, num ponto que era um grande risco virar para trás.

Fomos para a doca não conseguia dormir, a pensar naquela gente. Pior foi que de manhã, soubemos a notícia, que ele naufragou ali perto da entrada da barra, ali em S. Julião. À noite li, no jornal o Diário Popular, aonde estavam os navegadores, os grandes homens do mar que deixaram morrer aquela gente. Isto acontece em 1973, antes do 25 de Abril, porque naquela altura não podíamos explicar esta história contra aqueles chulos, os pilotos da barra.

Estávamos sujeitos a passar por trabalhos, que a palavra deles valia mais do que a nossa.» Durante a entrevista revelou-nos – «O Meloas tinha outro barco chamado “Silva Fernandes”. O mestre que andava lá, andava a pescar mal. Acontece, as coisas não correm bem. O Meloas foi ter com o mestre Albano, o mestre Albano era um senhor junto do armador, e disse-lhe – O “Silva Fernandes”, está a pescar mal. Não pode continuar a pescar assim. Quem é que você acha que eu devo meter lá? O Albano respondeu-lhe logo – Oh, Sr. Joaquim, o “Zé do Norte” anda aqui a fazer fretes. Eu fico em terra, ele é que pesca, o barco nunca pára. Ele não tem pescado mais ou menos? O Meloas respondeu-lhe – Mas, se eu o tiro de lá, fico sem mestre. O Albano descansou-o – Não se preocupe que eu vou arranjar um rapaz para lá e em pouco tempo ele aprende aquilo que é preciso.

Fui pescar no “Silva Fernandes” e as coisas correram-me bem. Eu recordo-me quando andava no “Silva Fernandes” e vinha pescar à Ericeira, largava o ferro às oito, nove braças de água, à

espera do dia seguinte, para pescar novamente. A malta para passar o tempo, punha-se a pescar para passar o tempo. Apanhámos quatro ou cinco canastas de lula. Uma canasta de lulas tinha mais de 40kg. Os algarvios diziam, que pouca-vergonha, estão deitados e está aqui peixinho a montes. As luzes do barco, é que atraíam o peixe.

O Meloas a certa altura vendeu o barco para um armador de Aveiro. Eu na altura soube.

Cheguei a terra e disse ao encarregado Fenha – Como é que é? O Meloas vendeu o barco, não me vendeu a mim. Ele foi ter com o Joaquim Meloas e disse-me mais tarde – Tome lá umas notitas de mil e cale-se! Recebi as notitas e fiquei descansado.

Eu era amigo, a sério, do “Manuel Ronca” [“Manuel Penicheiro”]. Eu e o Manuel tínhamos um código para pescar. Erámos uns mafiosos. Através do código trocávamos as voltas à malta em relação aos sítios onde pescávamos e à quantidade de pescado capturado.

Andava no “Joaquim Fernandes”, o patrão nunca estava aqui, estava lá no Norte, e comecei a desgostar do barco. Não gostava de andar no barco. Fui ter com o Manuel e contei-lhe a minha situação. Aconselhou-me – Está um barco no estaleiro, que era o “Madrugador”, o barco estava a ser construído ou reparado. Fui falar com o imediato, que era o encarregado, à procura de trabalho. Fiz uma asneira na minha vida, que não se conta a ninguém. Eu até tenho vergonha disto.

Um dia, na doca do espanhol, em Santos, fui falar com o encarregado e disse-lhe que estava embarcado, mas não estava satisfeito. Ele afirmou – Está tudo bem, mas eu não conheço o currículo do senhor. Passado um mês e qualquer coisa, mandou-me desembarcar, para ir tratar das artes de pesca desse barco que estava no estaleiro. Telefonei, ou pedi para telefonar ao armador do “Silva Fernandes”, não me recordo agora, que eu ia desembarcar. O armador, que era de Aveiro, veio direito a Lisboa. Era também armador do “Inácio Cunha” do bacalhau. Chegou ao pé de mim e disse-me – Oh, Mestre Zé não faça isso. O homem estava aflito. Eu comprei o barco, olhando às médias que o barco faz. Você agora vai-se embora, não me faça isso. Vem para aqui alguém que eu não conheço e fico empanado. Disse-lhe – Quando não pescamos os Srs. mandam-nos embora, como isto compensa é por essa razão que o Sr. diz isso, mas eu tenho um barco que me oferece melhores condições. Disse-me – Vamos fazer um contrato e você ganha, naquele tempo eram cem contos ou mais. Era muito dinheiro. Assinei a proposta. Depois tive de ir dizer ao outro. O homem deu-me uma resposta... e virou-me as costas. A resposta vai comigo para a cova. E, eu fiz aquilo por causa da m... do dinheiro! Faltei à minha palavra! Não se faz uma coisa dessas. Naquela vida se uma pessoa fosse boa demais, não ia a lado nenhum. Quando a pessoa era boa, todos roubavam.»

Entre 2 de Outubro de 1973 e 4 de Maio de 1979, José Arsénio foi encarregado de pesca no “Santa Maria do Mar”.

«Depois fui para o “Santa Maria do Mar”. Larguei o homem. Eu não me sentia bem no barco. O “Silva Fernandes” era um barco de arrasto lateral e fui para esse barco que era de arrasto pela popa. Era muito melhor. Desembarquei do “Santa Maria do Mar” porque o barco ia para o Norte e eu não quis ir.

No “Santa Maria do Mar” eu andava escondido, devido à minha deficiência. Escondido porquê? Porque não havia inspecções periódicas todos os anos. Quando o “Santa Maria Maior” foi para o Norte, eu não quis ir e desembarquei. Assim que desembarquei, caçaram-me logo. Fui a uma inspecção e o médico disse-me que devido à minha deficiência era obrigado a abandonar aquela vida. Tinha 46 anos. Tentei convencê-lo, dizendo-lhe que trabalhava em cima na ponte. Ele disse-me – Se alguma vez acontecer algum incidente, se algum homem cair ao mar, os culpados somos nós. E, tive de abandonar a vida do mar com 46 anos. Eu vim para casa com 46 anos. Era uma criança, no auge da minha vida, levei uma facada.»

Na autobiografia conta o seguinte – No fim de vinte dias [de] estar em casa, morávamos na Rua da Fonte do Cabo, em frente ao restaurante Toca do Caboz, apareceu-me o encarregado [António Fenha] mandado pelo patrão [armador de Aveiro], que o tal senhor, que fez o meu lugar, que destruiu tudo aquilo que deixei e que eu tivesse paciência, e que embarcasse para

ver se lhe endireitava tudo. Lá fui outra vez, mas nunca mais tive aquela febre para pescar como tinha antes.

Até que um dia, estávamos na reparação e eu estava cá na Ericeira, apareceu um senhor à minha procura. Até que nos encontramos e convidou-me para irmos beber uma cerveja, e eu aceitei. Fomos para [a] cervejaria Vidinhas. Começamos a falar em pesca, até que ele me disse que era armador e que me vinha convidar. Se eu queria embarcar para o Santa Maria do Mar e que era muito melhor que o Silva Fernandes, e que estavam dispostos a pagar o meu prejuízo, que eram sessenta contos. Foi o que me pagaram, mas conseguiram-me enganar. Prometeram que depois embarcava num outro barco melhor e esse barco nunca me apareceu, mas andei muito contente no Santa Maria do Mar e foi nele que ganhei alguma coisinha. As pescas corriam boas, e como as histórias que aconteceram, boas e más, por exemplo aconteceu o mês de Fevereiro de 1975. Andávamos na pesca e tivemos uma avaria no guincho, que tivemos que arribar para Lisboa para ser assistida. Tivemos quinze dias a repará-la e depois de reparada o armador telefonou-me a dar-me conhecimento, que o navio estava pronto para sair para o mar e eu logo de seguida dei ordens à tripulação, que a saída era às duas horas da madrugada.

Nesse dia estava um temporal e os barcos estavam todos recolhidos na Doca [Pesca], mas quando cheguei a bordo perguntei ao vigia, se já tinha saído algum barco, e ele respondeu-me que tinha saído um barco para o mar. Mas depois vim a saber que o barco que saiu da doca não foi para o mar, mas sim para a doca seca limpar o casco e pintar. Mas na verdade, eu fui enganado, que pensei que ele tivesse saído para o mar. Fomos nós, o único navio a sair para o mar. Saímos debaixo de um temporal e que a maioria dos tripulantes ficaram enjoados e a vomitar por todos os cantos e eu também fui um deles, que tive que guardar a prótese dentária nas algibeiras para não ir para o mar.

Navegamos sempre com a ideia de largar a rede. Quando chegámos às cinco milhas ao norte do Cabo da Roca, nas cinquenta e sete braças, largámos a rede para o mar. A vagaria até metia medo, na cova da vaga perdíamos o farol da Roca à vista. O medo era tamanho, que não me cabia uma palhinha no buraquinho do cú. Tive que ir à rede com uma hora e quarenta e cinco de pesca e que tivemos sorte, que em tão pouco tempo de pesca, apanhamos uma sacada de carapau negrão, à volta de quatro toneladas.

Depois foi uma carga de trabalhos, a navegar para Lisboa com o convés cheio de peixe. Fomos acabar de tratar do peixe, já amarrados à muralha da Doca Pesca. Os guardas-fiscais, e toda aquela gente que estava perto da muralha, levaram o saco cheio de carapaus. Foi uma alegria, depois de tantos tormentos. O pior foi que nunca mais vimos carapau negrão e que desapareceu na nossa costa. Esta foi uma história boa que ficou bem vincada na memória.» José Arsénio encontra-se na reforma desde 1979. Em 1982, Maria Alexandrina faleceu de cancro. Em Junho de 1983, José Arsénio juntou-se com Maria de Lurdes Inácio. Casaram em 6 de Abril de 1989.

Actualmente desloca-se com auxílio de uma cadeira de rodas eléctrica. Em casa dispõe de toda a aparelhagem necessária para tratar da sua higiene e vida diária com agilidade, apesar de se deslocar em cadeira de rodas. Os filhos ofereceram-lhe, em Novembro de 2013, um “Ipad” e desde então passa longos períodos a navegar na internet. De Verão sai de casa. Vai até ao adro da capela de S. Sebastião para cavaquear com os seus camaradas e recordar as suas aventuras de lobo-do-mar.

Nota: A memória é um processo reconstrutivo, por essa razão utilizei extractos da autobiografia e da entrevista que nos deu. José Arsénio foi até agora o único dos pescadores jagozes que entrevistei que tinha escrito a sua autobiografia.

Entrevistas feitas, na Ericeira, na cozinha da sua casa em 23 e 24 de Dezembro de 2013, 3 de Janeiro e 15 de Fevereiro de 2014.

Francisco Esteves.